

# Stadium

N.º 171 — 13 de Março de 1946 — Esc. 2\$00



## O GRUPO DE HONRA DO OLIVEIRENSE



No primeiro plano, da esquerda — Anibal, João Tavares, Alípio, José Tavares e Armando.  
No segundo plano — Henrique, Joaquim, Oliveira, Teixeira, Pinho e Eurico.





# FLECHA

*A Bicicleta da Actualidade*

**A ILUMINANTE  
STAND FLECHA**

Largo do Intendente — LISBOA

# Stadium

N.º 171 ★ 13 DE MARÇO DE 1945 ★ PREÇO 2\$00

*Vitória expressiva do SPORTING*



*Peproteo, no seu estilo característico, remata de cabeça, roçado de adversários*



*Cardoso entra com decisão a Barris, extremo esquerdo do Boavista*



*As redes de Oscar estão em perigo. Desta vez, pbrem:, nada de novo...*

## EM OLHÃO

## EM ELVAS

*Machado, devolve uma bola com os punhos*



*Uma defesa do guarda-rede elvense*



*Um ataque dos oliveirenses*



*A defesa olhanense em acção*



# O ASPECTO GERAL DO TORNEIO

## Não se modificou com os resultados da 13.ª jornada

### A linha avançada do Benfica destaca-se como esplêndida afirmação!

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA



O fundo, a tabela não sofreu variantes com a disputa da jornada com o número 13 da Primeira Divisão do Campeonato Nacional. Vinca-

se, e aceita-se já, sem discussão, a superioridade do lote formado por Benfica, Belenenses, Sporting e Olhanense. Os outros concorrentes, na questão que se refere ao título — perdem-se na linha do horizonte... Resta-lhes apenas a consolação, se assim se lhe pode chamar, de fazerem mal aos mais categorizados. Fazer mal e prejudicá-los, levando-os à escorregadela fatal.

Podem medir-se os prós e os contras que abonam a posição de qualquer destes concorrentes, reforçando ou diminuindo as suas possibilidades. Mas chegar-se-á sempre à conclusão, desde que não se ponha óculos de uma cor, tão vulgares, aliás, no mercado, que todos continuam com o direito ao título, mantendo-o firme e segurando-o pelos cabelos, na arrancada do grande e último esforço.

Nos postos intermédios accusa-se a melhoria do Sport Lisboa e Elvas como nota destacada, procurando sair da zona perigosa. Resolvido o caso do lugar da lanterna-vermelha, três clubes estão na iminência de ocuparem o posto angustioso de penúltimo. Desses, Boavista, Vitória de Guimarães e Académica, sairá, possivelmente, se as coisas continuarem a decorrer como até aqui, o sacrificado. Vamos a ver, na certeza de que teremos um encontro de mudança de bom sabor.

Vamos à indicação dos resultados:

Sporting	.... 7	—	Boavista	.... 1
Benfica	.... 5	—	Atlético	.... 0
Académica	.... 1	—	Belenenses	.... 3
Porto	.... 2	—	Vitória (Sel.)	.... 2
Olhanense	.... 5	—	Vitória (Guim)	.... 2
Elvas	.... 3	—	Oliveirense	.... 0

A competição forneceu, nesta 13.ª jornada, jogo de qualidade em alguns pontos e futebol de

competição em outros. Em Lisboa, Sporting e Benfica passaram sem dificuldades de maior, mas tal não se poderá afirmar do Belenenses, que, porventura, se viu na obrigação de despendir energias para trazer de Coimbra os pontos oficiais do triunfo.

No Porto, o campeão local deu claramente a indicação de que se encontra em crise de forma, provocada, em certa medida, pelas baixas sofridas. Em Ohão, ainda chegou a haver certo sobressalto, e a pugna de Elvas decorreu do melhor modo para o grupo local. Todos se aprestam, nesta fase decisiva, para vibrarem os melhores golpes, e apresentarem uma couraça suficientemente resistente aos do adversário.

Na lista dos marcadores, o avançado-centro nacional continua a figurar no primeiro posto, com 23 bolas, seguindo-se-lhe Correia Dias com 15, Salvador com 14, Rogério com 13, Cabrita com 12, Gregório e Armando com 10, Araújo com 9.

Benfica e Olhanense marcaram até agora 46 bolas e sofreram 19. A mesma contagem — o que não deixa de ser curioso. O grupo belenense é o de menos bolas sofridas, afirmação de boa e segura defesa, tendo marcado 39. O número de bolas do Sporting é de 41-18.

### Sporting tirou a desforra do Boavista



IS a desforra do Sporting! o Boavista, vencendo os leões no Lima, pagou caríssimo esse prazer.

Os lisboetas alinharam com Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, António Marques, Barrosa, Lourenço, Jesus Correia, Pacheco Nobre, Peyroteo, João Cruz e Albano.

O Boavista formou: Oscar, Pina, Silva, Chaves, Raimundo, Jacinto, Zeca, Luzia, Biri, Caiado e Barros.

Como arbitro actuou Libertin Domingues, de Setúbal.

O Sporting venceu sem dificuldades. Aberta a torneira, deixou correr as bolas. Estas sucederam-se com regularidade, e os assistentes gozaram, ao menos, o sempre emocionante espectáculo dos remates. No entanto, o onze leonino não conseguiu realizar exibição muito brilhante, desenvolvendo *association* apenas aceitável.

Com uma defesa segura e uma linha média activa, apesar do mau serviço dos elementos de ataque,



Magnífica defesa de Correia

era lícito exigir mais à dianteira. Todavia, as avançadas de ligação não se deram em grande número, e o jogo apareceu-nos desligado, e a tal ponto, que as unidades da frente nos surgem como valores desligados e não como um todo ou um conjunto. Peyroteo e Jesus Correia, os homens da eficácia, terrivelmente perigosos em frente das balizas, deram-nos os melhores momentos — quebrando a monotonia.

Metido no vendaval, o Boavista não desmereceu do conceito em que o temos. Não se trata de um grupo para grandes cometimentos, já e imediatamente, mas parece-nos que teremos onze no futuro. Haja em vista que a maior parte dos elementos são rapazes muito novos — a fragilidade da linha da frente afigura-se-nos evidente! — os quais têm sido submetidos a tarefa pesada demais para as suas forças. De sangue na gueltra e amor-próprio, os *boavistas* deram no começo do torneio tudo quanto podiam, generosamente, e estão agora a sofrer as consequências do seu entusiasmo. Porque a competição é pesada e duradoura. Com mais *calo* e deixando passar uns tempos, é natural que o *segundo* do



Rogério em luta com o defensor atlético

Porto se faça um grupo de relevo e categoria. A verdade é que os rapazes têm habilidade e revelam ideia de jogo. Os portuenses realizaram várias combinações de valor, mas à frente das redes não souberam transformar essa ligação em coisa prática. Em algumas vezes tivemos a impressão de que, ao rematarem, não se esqueciam que estava na sua frente o guarda-redes João Azevedo. Por sinal, Azevedo fez uma defesa que nos compensou dos lances maus. Que maravilha como espectáculo!

Cardoso jogou com a habitual serenidade e com a batuta de maestro. Seu companheiro, Manuel Marques, muito activo, mas inferior ou infeliz em percentagem relativamente elevada de intervenções.

Continua a verificar-se no Sporting a dança da linha medular, insistindo-se na colocação de A. Marques a médio — tendo como consequência o afastamento de Veríssimo. E assim se pode dar cabo de um valor razoável: não há jogador que resista à não-fixação, agravada ainda com a inactividade. De Barrosa deve dizer-se que mantém o seu magnífico temperamento de lutador, mas que nos dá uma impressão estranha ao ter a bola no seu domínio. Parece que não sabe o que há-de fazer-lhe. Lourenço cota-se como uma utilidade.

Pacheco Nobre estreou-se no primeiro grupo, esta época. Aptidão e qualidades, mas também falta de remate. Uma estatura que não auxilia. João Cruz defende-se com o saber, e Albano já esteve em forma muito mais apurada na presente temporada.

No Boavista ninguém se destaca. Talvez um dos defesas mereça ser colocado em nível superior ao dos companheiros. Caiado, um jogador de excelentes recursos e de largo futuro, deu-nos inicialmente alguns lances de garra, mas depois nada pôde fazer — afundado no ponto de vista físico como se encontrava!

### O jogo de ataque do Benfica! Magnífico!



partida Benfica-Atlético teve, indiscutivelmente, vibração. Na primeira parte. Depois, a chama apagou-se, e o jogo baixou de nível

—passando de óptimo para sofrível.

Os grupos alinharam da forma a seguir discriminada. **Benfica:** Martins, Cerqueira, Artur Teixeira, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Mário Rui, Júlio, Espírito Santo, Teixeira e Rogério.

**Atlético:** Correia, Baptista,

Castro, Galinho, José Lopes, Francisco Lopes, Micael, Armindo, Catinana, Marques e Manuel da Costa. Pelo tempo adiante verificaram-se transformações na linha da frente, vindo Manuel da Costa para o centro do terreno.

**Árbitro:** Borques Leal, de Lisboa.

A primeira parte não foi desnivelada no capítulo do jogo. O Benfica marcou quatro bolas, e há que prevenir o leitor contra a sugestão dos tentos!

O Atlético mostrou-se um excelente grupo. Embora não o vissemos há tempos, não o considerávamos capaz de tão boa exibição. Utilizando o passe rasteiro, com bom toque de bola, todas as unidades revelaram uma compreensão perfeita do que é o futebol. Pondo a bola rente ao chão, a construção dos triângulos realizou-se com facilidade. Mas não se ganhavam desafios sem se marcarem bolas. Eis a eterna verdade, um lugar comum do futebol, não obstante, cada vez mais verdadeiro. Em frente das balizas, os atacantes do Atlético nunca tiveram a rapidez de remate necessária nem talvez a força muscular suficiente! Fiziram sempre um retardo, ou pausa, mudando a bola dum pé para outro e permitindo a entrada oportuna dos defesas contrários. Com esse procedimento — quase enervaram! A meio do terreno, é certo, também actuaram sem grande sentido prático, gastando e dobrando passes, sem necessidade nenhuma, mas isso perdoava-se em virtude de alcançarem o objectivo — chegar em frente das redes. Tenhamos em vista que, muitas vezes, os interiores trocaram passes entre si e bem assim os médios, centro e esquerdo. Para quê? Para retardar a invasão?

A partida comportou, precisamente, aspectos brilhantíssimos — uma primeira parte empolgante — porque o Benfica, apesar do jogo de qualidade do Atlético, conseguiu dominá-lo, em toada eminentemente de ataque, dando eficiência ao seu futebol.

O espectáculo foi digno de ver-se. Raramente temos visto jogo mais vibrante e alegre! O onze benfiquista estremeceu todo de prazer — ao desencadear os seus perigosos avanços. Com ligação e uma força invencível, os homens chefiados por Espírito Santo levavam tudo de vencida na sua frente. Verdaderamente diabólicos! Logo que a bola chegava ao poder de um atacante, um sopro de emoção perpassava no terreno. Velocidade, excelentes passes e toques de bola, desmarcações, corridas e remates fortes — eis o somatório das qualidades evidenciadas pelo grupo que marcha à cabeça da tabela.

Na segunda parte — o aspecto mudou um pouco. O Benfica estava senhor da vitória, e o Atlético sofria a influência desmoralizadora das bolas.

Correia portou-se muito bem, tendo sido batido por culpa própria apenas uma vez.

Defesas batidos com facilidade. Na linha média distinguu-se José Lopes, especialmente no domínio de bola. A dianteira — um desastre em frente das redes. Os extremos como que desapareceram no terreno!

No Benfica, a avançada agradou-nos sem reserva. Espírito Santo, em ascensão, pôs à prova variada colecção de pormenores. Rogério adquire prestígio dia-

-dia, e está um jogador de alto a baixo — no seu tipo clássico e puro. Acentuam-se os progressos de Júlio, e Mário Rui renasce. Teixeira não destoa do conjunto, ainda que em actuação menos viva do que antigamente. Jacinto, Francisco Ferreira e Cerqueira vincaram a sua personalidade. Moreira apagou-se um pouco. Martins continua a inspirar confiança.

### Breve análise dos restantes encontros. Destaque-se o comportamento do Vitória de Setúbal!



**EVEMOS** dar agora uma ideia tanto quanto possível aproximada, e a verdade é que curar por informes induz em erros, de que nos penitenciamos, de passo, dos encontros que se disputaram no Porto, em Coimbra, Olhão e Elvas.

**Porto:** Barrigana, Alfredo, Camilo, Anjos, Romão, Octaviano, Leite, Araújo, Correia Dias, Freitas e Joaquim.

**Vitória de Setúbal:** Acácio, Montês, Armindo, Pereira, Figueiredo, Pacheco, Campos, Rendas,



Um remate de Peyroteo defendido por Osear

Palhinhas, Cardoso Pereira e Passos.

**Árbitro:** José Lira, de Braga. O Porto viu-se na contingência de consentir que os setubalenses arrecadassem um ponto no Lima. Pelos vistos, o resultado ajusta-se ao jogo desenvolvido. Já a primeira parte acabara empatada. Ambos os grupos desperdiçaram esplêndidas oportunidades em frente das balizas. É a velha questão de sempre!

Foi notória, no entanto, a deficiente ligação do conjunto portuense. Estamos quase em crer que, no fundo, o mal deriva da falta de Guilhar. O *team*, sentindo o escasso poder da defesa, como que se retrai — e o facto não pode deixar de influenciar o ataque. No domingo, Correia Dias tomou abertamente o comando das operações, e somente o interior Araújo veio ao de cima, lá de quando em vez.

Pelo contrário, o Vitória mostrou confiança e ligação, passando, com uma facilidade de movimentos que só abona em seu favor, da defesa ao ataque. Os setubalenses jogaram também com grande energia e em toada veloz. O empate representa um triunfo para as suas cores.

Em Coimbra, a Académica alinhou com Jaques, Albino, Mário Reis, Oliveira, Brás, António Maria, Angelo, Azeredo, Garção, Joaquim João e Lemos.

**Linha do Belenenses:**

Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Comas, Serafim, Armando, Quarresma, Andrade, José Pedro e Rafael.

**Árbitro:** Abel da Costa, do Porto.

Os estudantes jogaram desorganizadoamente. Faltou-lhes conjunto e ligação sobre a base da passagem precisa e da desmarcação certa. A culpa principal da desorganização recai na deficiência dos médios e também na falta de audácia dos avançados, observando prudente atitude no decorrer de todo o desafio. Seria natural e lógico, portanto, que o Belenenses fizesse uma exibição brilhante. Tanto mais encontrando-se o estado do terreno em condições que favoreciam a actuação da sua corpulenta defesa, e mesmo da média.

Mas o certo é que o Belenenses, vencendo com justiça e demonstrando superioridade, não conseguiu atingir uma bitola alta e perfeitamente ao alcance das suas possibilidades. Na verdade, a parrelha defensiva portou-se bem e o trio medular mostrou que sabe jogar, mas a linha avançada desequilibró o conjunto, não ligando convenientemente. Perdendo-se, mesmo, por vezes, em esforços inúteis. Ao menos salvou-se a

em 2-2. E os representantes de Guimarães podem orgulhosamente referir que os olhanenses, para ganhar, tiveram de lutar, numa reacção final, um prodígio de vontade e o momento mais belo da partida.

A arbitragem agradável, e o Olhanense modificou, de certa altura em diante, a sua linha da frente, em busca de melhor rendimento.

No estádio municipal de Elvas, o grupo local apresentou o seguinte conjunto: Semedo, Marcelino, Mariano, Rebelo, Alcobia, Fernandes, Moraes, Massano, Patalino, Aleixo e Vega.

**Oliveirense:** Teixeira, Henrique, Joaquim, Marcel, Pinto, Eurico, Domingos, João Tavares, M. Santos, Tavares e Armando.

**Árbitro:** João Vaz, de Lisboa.

No balanço da partida, parece que o Oliveirense se portou melhor do que o seu adversário. Pelo menos, em relação ao que se esperava de ambas as equipas. Dizem-nos as referências que a primeira parte decorreu monótona, sem interesse e motivos de agrado. Com jogo feito um pouco ao Deus dará, e sem velocidade. Futebol de choques e rompantes — que já fez escola, mas que passou.

O fraco rendimento da linha média influenciou a tarefa global do conjunto. Os homens do meio, apagados, e sem alimentarem convenientemente a linha atacante, não adoptaram também no terreno a posição certa. Consequência: — desequilíbrio.

Mas a segunda parte já ofereceu maior interesse. O Elvas cresceu, e tal deve-se à melhoria acentuada do compartimento medular. Devemos, no entanto, dizer que o Oliveirense comportou-se sempre ao nível da luta, com a extraordinária fé que anima os seus componentes.

## BASQUETE

Os primeiros jogos oficiais denunciaram claramente o equilíbrio de forças entre os grupos concorrentes. No Porto o Benfica conseguiu 3 pontos de vantagem sobre o F. C. do Porto, o Atlético ganhou por 2 ao Vasco da Gama, e o Belenenses trouxe de Coimbra apenas 2 de vantagem.

De qualquer dos modos, o basquete lisboeta triunfou em toda a linha. Isto depois de haver perdido, em conjunto seleccionado, com o Porto e Coimbra! A «anunciada» crise — não se verifica, e ainda bem, para valorização da modalidade.

Os atléticos conquistaram uma boa vitória contra o Vasco da Gama, no campo da Boavista: — 37-35. O Benfica triunfou por 49-46 e os campeões nacionais obtiveram 25-23 em Coimbra, frente ao Sport — base da equipa representativa local.

Veremos, no próximo sábado. Para já, diga-se que o basquetebol, na prova máxima, principiou bem...

## FLECHA

a melhor bicicleta

# AZEVEDO

## a sua carreira e as suas preferências



... Azevedo a jogar contra a Espanha...



... E contra o famoso grupo da R. A. F.



Depois do estádio, um passeio pela cidade, acompanhado por um adversário: Quaresma

JOÃO AZEVEDO é o guarda-rede mais categorizado. O seu nome pronuncia-se com simpatia e admiração por todos quantos, de uma ponta à outra do país, se interessam pelo futebol. E mais ainda: — a personalidade do guarda-redes nacional gosa no estrangeiro do justo prestígio que conquistou pelas suas brilhantes e famosas defesas.

O futebol português, que tem tido algumas boas figuras, na baliza, encontrou em Azevedo um estilo próprio, subindo gradualmente em perfeição, oferecendo-nos rasgos de bela energia a um sentido admirável de visão, ao concluir-se à boca das redes as mais perigosas jogadas.

O nosso «keeper» está na ordem do dia. É o n.º 1 do nosso futebol.

Fomos conversar com o famoso Azevedo ao Barreiro. Encontrá-lo, não é coisa fácil, mas ao fim e ao cabo, Azevedo, bom rapaz, não deixou de cavaquear um pouco connosco. Ei-lo na nossa frente, recordando os seus bons tempos de garoto, datas, e revivendo os mais variados casos.

Azevedo tem 30 anos de idade e 14 de jogador de futebol — sempre em guarda-redes. Porquê? Ele nos conta...

— Nunca joguei em outro lugar senão nas redes. Mesmo em miúdo era só este posto que ocupava. E revelo-lhe os porquês. Por ser o lugar de mais descanso... Jogávamos na praia, cá no Barreiro, desafios que ocupavam toda a manhã. Tanta hora a jogar na areia era de arrazar! Assim, eu na baliza, descansava. Interessei-me depois por este lugar e continuei. Quando enverguei pela primeira vez uma camisola de clube desportivo foi para ocupar a defesa das redes do grupo infantil do Barreirense. Tinha talvez menos de 16 anos e lá me conservei três épocas. Depois fui para o Luso, só um ano e na época de 1935-36 ingressei no Sporting.

— Cua carreira tem sido vitoriosa, atalhamos.

— Sim. Reconheço que valho alguma coisa no futebol, por intuição, por habilidade, mas também porque tenho procurado rodear a minha vida de jogador da bola de cuidada preparação, técnica e física.

— Pensa jogar ainda muito tempo?

— A não ser alguma infelicidade ou qualquer imprevisto, pretendo estar na primeira categoria do Sporting até aos 35 anos. Até quando puder! Por enquanto sinto-me em boa forma.

— Quando aparecer o substituto para o «team» nacional, o Azevedo continuará...

— Quanto a mim — um facto não prejudica o outro. Admito que surja em qualquer altura um elemento capaz de me substituir. O mesmo sucedeu quando eu subi. Continuarei a jogar. Que tem isso?

— Qual o jogador que actualmente revela mais qualidades para o substituir?

Azevedo já deve ter pensado neste caso, pois nos responde com prontidão.

— Martins, Valongo e Capela, este mais jovem... São por enquanto os três valores que vejo no nosso futebol com mais possibilidades de me substituírem em lugar tão ingrato e difícil.

Azevedo deve ser um dos nossos jogadores o que melhor visão tem do jogo. No seu posto, observa com inteligência, a jogada... Sabe recolher impressões.

— Qual o avançado português que mais o perturba?

— Espírito Santo. Quando se acerca das minhas balizas com a bola nos pés, sinto perigo. E salto para a defesa com o dobro da atenção e do cuidado. Veloz, salta bem, sabe evitar de forma especial a defesa, e é magnífico a desmarcar-se. Estes atractivos acompanham o seu bom chute.

Continuamos a falar de jogadores.

— Depois, aprecio Moreira, Arsénio, Francisco Ferreira, Quaresma, e dos jogadores novos, um que me impressiona muito bem, o balenense Andrade. Dos da minha idade considero-os todos bons. Lá nos «leões» é tudo fixe.

Dos antigos recordo, entre todos, Mourão e Pinga.

E, agora que falamos de gente da bola não posso esquecer

(Continua na pág. 15)



Este trio defensivo! Cardoso-Azevedo-Marques tem a carreira feita



Eis o homem! Valentia e estilo. Segurança absoluta, contra o Benfica

# A PROVA RESULTOU SATISFATÓRIA

## E OS JOGADORES DEMONSTRARAM ACHAR-SE EM PERFEITAS CONDIÇÕES

Crónica de RAMON MELCÓN

COM mês e meio, pelo menos, de antecipação do desafio de futebol com Portugal no magnífico Estádio Nacional de Lisboa, a equipa espanhola celebrou o seu primeiro treino, caso inédito na história deste desporto em Espanha, já que sempre foi norma tradicional deixar para a última a designação dos que haviam de integrar o conjunto.

Agora, Passarin pensou que é muito conveniente a celebração destes actos, não só porque servem de base e estrutura das futuras linhas, mas ainda por se conseguir desta maneira criar um ambiente de camaradagem e mútuo conhecimento entre os jogadores, o que facilita muito a sua penetração no terreno de jogo.

No Estádio Metropolitano, sob o olhar vigilante de Passarin, saltaram ao campo na quarta-feira passada os seguintes jogadores convocados para o treino: Elizaguirre, guarda-redes; Joaquim, Aparício e Jugo, defesas; Alconero, Ipiña, Huete, Asensi, Diestro e Gonzalvo II, médios; Irlondo, Panizo, Mundo, Arza, Gainza, e Cesar, avançados. Faltaram Cabido, avançado-centro, e Busto, guarda-redes, por terem ficado magoados nos anteriores encontros da Liga. Também se verificou a baixa de Zarra, que ha um mês sofreu uma fractura do peroneo no decurso de um desafio contra o Hercules de Alicante, como consequência dum passo em falso.

Formaram-se duas equipas, para o que se recorreu a grupos madrilenos, e assim ao começar a primeira parte do treino os dois conjuntos achavam-se constituídos da seguinte maneira:

**Grupo azul:** Elizaguirre, Joaquim, Aparício, Alconero, Ipiña, Huete, Irlondo, Panizo, Mundo, Arza e Gainza.

**Grupo vermelho-branco:** Perez, Jugo, Riera, Asensi, Diestro, Gonzalvo II, Juncosa, Arencibia, Pruden, Cesar e Escudero.

Elizaguirre, Mundo e Asensi pertencem ao Valencia; Joaquim, Alconero e Arza ao Sevilla; Aparício, ao A. Aviação; Ipiña e Huete, ao Madrid; Irlondo, Panizo e Gainza, ao A. Bilbao; Jugo e Diestro, ao Oviedo; Gonzalvo II e Cesar, ao Barcelona. Os restantes para completar os quadros, são jogadores do Aviação, exceptuando Pruden que pertence ao Madrid.

Debaixo de uma chuva constante e sobre um terreno encharcado e resvaladizo, jogaram-se dois tempos de meia hora cada um. No primeiro marcou-se um só goal, obra de Cesar. Na continuação, os azuis lograram o empate ao rematar Mundo, de cabeça, um canto muito bem marcado por Gainza.

Registaram-se grandes jogadas e lances de verdadeira classe, a cargo de quasi todos os seleccionados, especialmente de Elizaguirre, Panizo, Irlondo, Arza, Gainza, e, sobretudo, de Cesar, que fez uma segunda parte esplêndida. No último minuto, Elizaguirre defendeu um penalty atirado por Panizo.

Passarin fez trocas nas linhas ao começar o segundo tempo, e assim os dois médios-azuis trocaram os seus postos com os vermelho-brancos; Jugo mudou com Joaquim, e Cesar passou para a avançada azul, ocupando o lugar de Arza. Este, ficou de interior direito, e Panizo alinhou no seu lugar na equipa contrária, pelo que Arencibia abandonou o terreno para dar a vez a Campos, que teve boa actuação, tal como o seu companheiro.

Ficou demonstrado que a Espanha tem equipa nacional e que se pode confiar nela. Sem esforçar-se, cumprindo ordens recebidas, com suavidade mas com técnica e classe indiscutíveis, os prováveis internacionais e ainda outros que o não são, puzeram em destaque as suas boas condições e a probabilidade da Espanha conseguir formar uma selecção melhor que todas as que apresentou desde 1939.

Somente um posto está preenchido deficientemente, o de avançado-centro, pois Mundo não teve um bom dia e deu sinais de se encontrar em peor forma do que no ano passado. Cabido, a revelação da época no grupo de Oviedo, não compareceu, como dissemos, por causa da sua lesão; o catalão Martín, também em má forma, não é o avançado-centro ideal, apesar de ser talvez o mais aproveitável caso haja necessidade de um substituto para Zarra. E dizemos isto por que esta semana tiram-se a este as talas do pé, e aguarda-se que para fins de Abril esteja em condições de alinhar na selecção, no posto para o qual, hoje, não temos rival em Espanha.

Passarin disse, no fim do encontro, que estava muito satisfeito com a prova, pois tinha saído tudo como se esperava. Não quis fazer declarações sobre a designação da linha nacional, mas, a julgar pelo alinhamento e pelo rendimento de cada jogador ao longo dos últimos encontros, é provável que, a disputar-se agora o desafio contra Portugal, a Espanha alinhe: Elizaguirre, Joaquim, Aparício, Alconero, Ipiña, Huete, Irlondo, Panizo, Mundo, Cesar e Gainza. Dos restantes, nenhum deixou de patentear as suas condições de possível internacional, pelo que a prova deixou um bom sabor aos que a presenciaram e que puderam apreciar o progresso constante do nosso futebol.

Ipiña, capitão da selecção espanhola, mostrou também a sua satisfação. Perguntado acerca do provável resultado do jogo contra os portugueses, disse:

— Creio que podemos vencer, pois apesar dos portugueses jogarem cada vez mais, levamos-lhes vantagem no remate, em que somos mais pródigos. Não obstante, devemos pensar que Portugal pode ganhar-nos algum dia, e que se isto acontecer ninguém deve assombrar-se, porque entre duas selecções que sabem jogar futebol, nada de estranho tem que ganhe qualquer deles, especialmente quando se joga no terreno do que parece mais fraco. E este é o caso dos portugueses. Não são mais fracos enquanto a concepção de jogo, pois, repto, jogam tão bem como nós, mas falta-lhes a decisão no tiro que temos os nossos avançados.

Eis o que deu o primeiro treino da selecção espanhola. Confiança no rendimento dos jogadores e esperanças de alcançar um bom resultado em Lisboa. Confiança excessiva numa hipotética superioridade — não. Porque esse resultado conseguido pelos seleccionados militares portugueses frente ao grupo da R. A. F. faz supor que a selecção portuguesa seja um caso sério, e para a defrontar tem os espanhóis de ir decididos a dar vida e alma à luta, se quiserem alcançar, como diz Ipiña, um resultado honroso.



O seleccionador Passarin falando com o nosso prezado colaborador, grande árbitro e jornalista espanhol Ramon Melcón



Protegido por Gonzalvo II, Perez defende a soca. Mundo está na brecha



Juncosa, em luta esforcada com Aparicio



Elizaguirre defende um remate de Pruden



Gainza, o famoso extremo-esquerdo, em acção



Xavier Barroso e Sanchez Ocaña, respectivamente presidente e secretário geral da Federação, assistem ao treino na companhia de Passarin e de José Maria Ubeda, jornalista e presidente da Federação Castellana



No primeiro plano: Juncosa e Cesar. No segundo: da esquerda para a direita: Diestro, Asensi, Pruden, Jugo, Perez, Escudero, Riera, Arencibia e Cesar



Elizaguirre, ao defender magistralmente o pontapé de grande perigosidade marcado por Panizo



Da esquerda para a direita, no primeiro plano: Alconero, Irlondo, Arza, Elizaguirre e Joaquim. No segundo: Huete, Ipiña, Panizo, Mundo, Gainza e Aparicio



# MUNDO da BOLA

pelos JORNALISTAS desconhecidos

## CONTA-GOTAS

## A fase intensiva de preparação CORRE QUE...

### com vista ao Portugal-França

**C**OMEÇA hoje a fase intensiva de preparação da selecção portuguesa, com vista ao Portugal-França marcado para o dia 14 do mês que vem. O seleccionador nacional, no Plano apresentado em tempo oportuno, e que não foi posto rigorosamente em prática por causas de todos conhecidas, sendo a principal a não-realização do jogo contra os suíços e só há pouco tempo se fixaram as datas dos desafios contra a França e Irlanda, previa para Março a intensificação dos treinos, com o apuro técnico efectuado em estágio prolongado.

É no fundo essa fase que hoje começa no Estádio Nacional, em sessão à porta fechada. Foram convocados os seguintes jogadores:

**Sporting** — Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, Peyroteo e Jesus Correia.

**Benfica** — Moreira, Francisco Ferreira e Rogério.

**Belenenses** — Capela, Feliciano, Amaro, Serafim e Quaresma.

**Porto** — Aratijo.

**Olhanense** — Salvador e Moreira.

**Estoril** — Mateus.

Servirá de grupo treinador o Estoril Praia, que tem prestado já bons serviços ao conjunto nacional.

Caso não falte algum elemento, por impossibilidade absoluta ou lesão, que tem deservida pelo Centro de Medicina Desportiva, Tavares da Silva deverá alinhar na primeira forma da seguinte maneira: Azevedo, Cardoso, Feliciano, Amaro, Moreira, Francisco Ferreira, Jesus Correia, Aratijo, Peyroteo, Quaresma e Rogério.

A equipa nacional voltará a treinar de hoje a oito dias, isto é, a 20, também no Estádio Nacional, recolhendo os jogadores indicados, provavelmente em número de quinze, a um estágio prolongado, no próximo dia 25, estando a ser escolhido o local para o efeito. Seguindo-se o modelo de treino já tornado público, continuando-se e activando a ginástica, e insistindo-se em treinos de adestramento individual e treinos de conjunto. Julgamos saber que o seleccionador nacional já trocou impressões sobre a preparação da equipa com a Federação Portuguesa, havendo perfeita identidade de vistas. O *team* português apresentará-se à sua máxima força.

Augusto Silva, o antigo internacional e actual treinador do Belenenses, foi convidado pelo Seleccionador Nacional para treinador da equipa portuguesa.

♦♦ A selecção irlandesa que nos visitará a 16 de Junho próximo enverga camisola verde.

♦♦ O relatório da Associação de Futebol de Lisboa está a compor, e depois disso será convocada a respectiva assembleia geral.

♦♦ Nos treinos da selecção portuguesa, como nos desafios que se efectuam no nosso país, utilizar-se-ão bolas portuguesas.

♦♦ Um conhecido jornalista desportivo foi convidado a deslocar-se ao Brasil em serviço profissional.

## VAI MODIFICAR-SE O EQUIPAMENTO

### do grupo nacional

A selecção portuguesa já se tem equipada de várias cores. Nos últimos tempos, porém, apresentou-se de camisola *grenat* e calções azuis. Assim se disputaram os desafios contra a Espanha e contra a Suíça.

Sabemos, no entanto, que a «equipe» vai sofrer uma leve alteração, passando a adoptar calções brancos em vez de azuis e mantendo-se a camisola *grenat* com as quinanas, embora de outro feitio. O pormenor não tem grande importância. Mas sempre é uma curiosidade.

## Uma anedota Seleção Vasca...

Um técnico português, há bom par de anos, conversava animadamente com o seleccionador espanhol José Maria Mateos sobre o desafio internacional que acabava de disputar-se em Espanha.

O grupo espanhol tinha ganho à tangente, mas feito boa exibição. José Maria Mateos utilizara doze jogadores, pois um percalço sucedido a Zomora provocara a sua substituição.

Ao elogiar-se o grupo espanhol, comentava Mateos com bom humor:

— Repare V.. Dos doze que apresentaram a Espanha, onze eram vascos...

## Há resposta para tudo...

P. 318 — Quando se marca uma grande penalidade, o guarda-redes pode movimentar-se depois de o árbitro apitar para o início da mesma? E antes?

P. 319 — Qual o melhor jogador: Angelo, da Académica, ou Zeca, do Boavista? Bentes ou Noronha? (De um académico de Coimbra).

R. 318 — Ao dar a ordem para se marcar a grande penalidade, o árbitro deve ter o cuidado de fiscalizar a posição dos jogadores. O guarda-redes, depois de escolher a sua posição, tem de permanecer sobre a sua própria linha de goal, entre os dois postes, sem mover os pés até que seja dado o pontapé na bola.

R. 319 — Angelo e Bentes são melhores.

P. 320 — Não será o Guilhar, do Porto, o defensor-direito da nossa selecção. Aonde há melhor? (De José Teixeira, de Barqueiros).

R. 320 — Repare numa coisa: o lugar de Guilhar é à esquerda. Pode ser que o sr. tenha razão,

mas o seleccionador também a poderá ter: — talvez Cardoso esteja já mais indicado. Quem sabe?

P. 321 — Barrigana não está em boa forma? (De um Sal do Norte).

R. 321 — O guarda-redes português encontra-se em bom momento da sua carreira. Tem treinado com afinco, e deve em grande parte o seu aperfeiçoamento ao treinador Szabo.

Um esclarecimento — O sr. Mário Fernando Ramos de Almeida, do Porto, diz-nos o seguinte a propósito da pergunta n.º 257:

«Se bem que seja verdade o facto exposto por V., também não é o menos o Futebol Clube do Porto haver-se classificado em 3.º lugar no Regional antes dessa data, na época de 1938-39, época essa em que, apesar de ser favorecido pelo alargamento, ficou brilhantemente detentor do Campeonato Nacional». Fica, assim, o caso intrinsecamente esclarecido.

O treino da selecção espanhola de futebol realizado em Madrid, e a que fazemos larga referência noutra página, efectuou-se rigorosamente à porta fechada. Só entraram no campo alguns dirigentes, os da Federação, o da Castelhana e um ou outro mais categorizado, além dos jornalistas. Na verdade, a experiência ensina que abrir as portas ao público, nas sessões de treino com vista ao grupo nacional, é conceder um direito que muitas pessoas não sabem usufruir, provocando por vezes a desorientação.

Há dirigentes que julgam ter descoberto a pólvora, e que vivem convencidos de que, caso um dia abandonem o clube ou o organismo que orientam, logo tudo virá na enxurrada e por água abaixo. Ora a prática da vida tem indicado que não há pessoas insubstituíveis, e que o mundo continua a rolar no espaço, indiferente às pequeninas coisas da terra!

A lesão de Capela, um guarda-redes cheio de qualidades, e também de força de vontade, está quase completamente sanada. Devemo-nos regozijar todos com o facto, pois o excelente jogador do Belenenses é um valor com que o futebol português vai passar a contar, nos seus transes mais difíceis e mais em evidência. Por outro lado, aquilo que aconteceu ao simpático guarda-redes era de molde a desanimar. Foi uma lesão verdadeiramente inoportuna. Felizmente—deu-se a reacção. O jogador está o mesmo homem: treinando com vontade, e pundonoroso como sempre. Ainda bem.

Os treinadores, de um modo geral, julgam que a modificação das linhas representa um bálsamo que alivia todas as dores. Prende-se, assim, muitas vezes, curar males que têm raízes fundas e lançadas. O mais curioso é que o próprio treinador ou dirigente, na maior parte das hipóteses, sabe que se trata de um recurso — sem bases no futuro. Mas caminha atrás da ilusão, como se perseguisse a verdade...

Vem aí um árbitro inglês para a direcção da partida entre Portugal e a França, no Estádio Nacional. Pelo menos, a Federação Portuguesa já solicitou o acordo da sua congénere, e tudo leva a crer que a resposta seja afirmativa. Na Inglaterra cultiva-se a arbitragem com devoção, e temos por consequência a oportunidade de ver um referee de alto a baixo — sem actuando de forma diferente da que estamos habituados a ver.

A arte de arbitrar é difícil. Sem dúvida. Dependendo de muitos factores. No entanto, faz-se entre nós o que se pode fazer para que a arbitragem seja ainda mais difícil. Aos erros próprios do árbitro junta-se-lhe a sobrecarga dos erros alheios. As chamadas falhas dos juizes de linha.

# NOTA DA SEMANA

A notícia mais sensacional desta semana consiste no provável reingresso da Inglaterra ao seio da Federação Internacional de Futebol Associativo.

Após dezóito anos de ausência voluntária, provocada pela maneira como os continentais e os insulares encaravam os deveres do amadorismo integral e que leve o seu ponto crítico no pagamento dos salários perdidos pela prática desportiva, a Inglaterra e talvez as restantes nações do Reino Unido — Escócia e Gales — retomarão os antigos lugares à mesa do Congresso.

Esta resolução, ainda não pública nem efectiva, mas que se espera seja anunciada na véspera do jogo final da Taça de Inglaterra, a 26 de Abril, obrigará os ingleses a aceitar algumas disposições já em uso, como seja o das transferências de jogadores inter-países.

Na reunião dos membros representativos da FIFA demem ser discutidos problemas importantes, um dos quais será o que trata da uniformização das regras (peso, medida da bola, substituições, etc.) e outro o da fixação do pagamento aos jogadores que tomam parte em jogos internacionais.

A inclusão da Inglaterra e o seu regresso ao organismo supremo do futebol, além de constituir prova de unidade e coesão entre os países civilizados de cultura europeia, aumenta extraordinariamente o prestígio da FIFA. Poucos desportos haverá cuja orgânica seja mais perfeita e tenha sofrido mais aperfeiçoamentos que o jogo da bola. Também se lhe deve reconhecer uma capacidade de atracção quase universalista, a ponto de caracterizar o desenvolvimento atlético as virtudes e defeitos dos países que o praticam.

Por tal motivo, consideramos a decisão da Federação Inglesa, também conhecida pelas iniciais FA, como o mais sensacional acontecimento da última semana.

Rafael Barradas

# A vida desportiva POR ÊSSE MUNDO FORA

## FUTEBOL

### A Taça de Inglaterra

REALIZARAM-SE no sábado, 2 do corrente, os jogos da primeira mão dos quartos de final da Taça de Inglaterra. O Charlton recebia em casa o Brentford, derrotando-o por 6 bolas a 3, debaixo de neve e de chuva.

A vitória, expressiva, pode atribuir-se aos «interiores» Don Welsh e Brown, que, executando ora passes excelentes ao centro e pontas, ora dribblings magistrais, burlaram a defesa do Brentford.

Mais uma vez se provou a velha e sabida teoria que em havendo «meias-pontas» de grande classe é sempre possível marcar goals e vencer.

O Bradford e o Birmingham empataram por 2-2 no campo do primeiro.

A tática do Bradford consistiu em atacar avassaladoramente na primeira parte, conquistando ten-

tos, e passar à defensiva activa depois do intervalo. Coube a Ronnie Dix, o artifice dos dois goals, o melhor trabalho. Magado pouco antes de findar a 2.ª parte, o rendimento da linha dianteira do Bradford ressentiu-se consideravelmente e o empate surgiu sem apelo.

Bolton Wonderers conseguiu uma proeza, ganhando ao Stoke City, em sua casa, por 2-0. Nem o famoso Matthews nem Franklin, médio-centro nacional inglês, conseguiram evitar a derrota. O trio defensivo dos vencedores mostrou-se inabalável e o meia-esquerda Westwood excelente chutador.

O Derby County ganhou ao Aston Villa por 4-3. Dois estilos diferentes em presença: o vencido, jogando um futebol de combinações esquemáticas, rápidas e artísticas; o vencedor, empregando uma tática de marcação cerrada. A asa esquerda de Villa foi o seu lado fraco, mas, no entanto, Goffin penetrou sempre na muralha defensiva adversa, fazendo o primeiro tento da tarde e jogando dois «tiros» que o guarda-meta adverso conseguiu desviar a custo para «cantos».

O bom êxito de Derby deve-se à parceria Carter-Douberty, interiores, cuja actividade no 2.º tempo produziu a vitória.

Os jogos da segunda mão devem ter-se efectuado no sábado último. A hora da revista entrar no prelo ainda se desconhecem quais os clubes apurados, se bem que o Charlton, o Bolton, o Birmingham e o Derby County sejam favoritos depois dos resultados obtidos na primeira mão.

### O «match» Inglaterra-Suíça

ESTÁ marcado para 11 de maio em Stamford Bridge um desafio de futebol entre o grupo inglês e o onze nacional suíço.

### As «Ligas» em Espanha

No passado domingo verificaram-se os seguintes resultados na 23.ª jornada da Primeira Liga, em Espanha.

Real Madrid, 1-Alcoyano 0; Espanhaol, 4-Aviación, 3; Sevilha, 3-Valência, 0; Castellón, 3-Múrcia, 0; Hércules, 0-Barcelona, 0; Gijón, 0-Bilbao, 0; Celta, 3-Oviedo, 2.

O Sevilha está à frente da classificação, ficando para trás o Barcelona e o Bilbao, que empataram.

Resultados registados na Segunda Liga:

Corunha, 5-Saragoça, 2; Salamanca, 4-Ceuta, 1; Real Sociedad, 0-Santander, 1; Sabadell, 0-Betis, 0; Maiorca, 3-Granada, 2; Cordova, 3-Ferrol, 0; Jerez, 4-Tarragona, 1.

## BOXE

### Juanito Martin, Arceniega e Valdés triunfam

O pugilista mais categorizado do país vizinho é sem dúvida Juanito Martin. Vencedor de Alvarez e Llacer antes do limite, derrotou agora outro adversário, Martinez Perales, em 5 assaltos.

O vencido mostrou valentia, mas colecionou uma variedade esmagadora de murros no corpo e na cara, abandonando justificadamente uma luta desigual.

Na mesma reunião desportiva o nosso conhecido Fidel Arceniega fez corar o público propinando-lhe uma daquelas exhibições duvidosas que tresandam a falsificado...

Polo, outro meio-pesado, tomou várias vezes e acabou por adormecer ao sétimo assalto, mas já antes disso deveria ter sucumbido.

Na mesma sessão, Valdés derrotou Mico por pontos depois duma dura e brilhante batalha.

O Olímpio, de Barcelona, estava quase cheio de espectadores.

### Cerdan virá a Lisboa?

ROUPE, conhecido cuidador do pugilista francês Marcel Cerdan, actualmente em Casabrancia, tem enviado esforços para visitar outra vez a capital portuguesa.

Interrogado por um jornalista do país vizinho, informou que possivelmente Cerdan realizaria em Lisboa outro combate contra o campeão de determinado país europeu.

### Outras notícias

JOGANDO soberbamente, o peso meio-leve de Swansea Cliff Curvis, de 18 anos, ganhou por pontos ao galense Cliff Morris, em Londres.

Na mesma sessão Eric Boon continuou a lista das suas vítimas obrigando o francês Maurice Ouezmann a desistir ao 7.º assalto, após uma dura batalha.

### Condições de assinatura

Custo por número...	2\$00
3 meses, Esc. ...	26\$00
6 » » ...	52\$00
12 » » ...	104\$00

### Assine a STADIUM

## TÉNIS

### Uma brilhante «raquete» sueca

O tenista sueco Lennart Bergelin ganhou o campeonato internacional de Paris (pista coberta), batendo, contra toda a expectativa, o gigantesco Ivon Petra por 2/6, 6/3, 10/12, 6/3, 6/2.

### Dinny Pails não vem a Wimbledon

PARECE certo que o novel tenista australiano Pails, cuja categoria iguala a dos melhores veteranos, não virá participar do torneio de Wimbledon. O presidente da Associação de

Ténis da Austrália, Norman Brookes, além de não apoiar essa participação, ameaça o esperançoso jogador de o excluir do grupo representativo do continente australiano que disputará a Taça Davis.

### Outras notícias

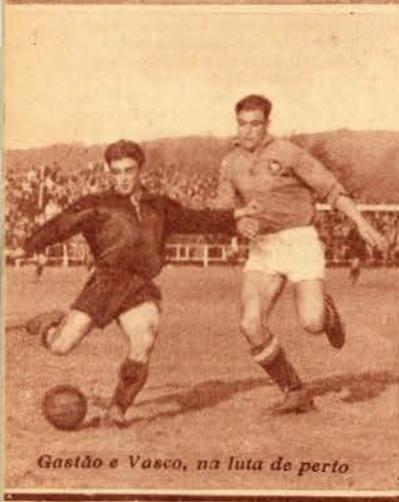
A Taça Wightman, espécie de Taça Davis para senhoras, discutida entre os Estados Unidos e a Grã Bretanha, deve disputar-se em Wimbledon a 14 e 15 de Junho.

Em fins de Julho haverá na Suíça uma competição entre jogadores ingleses e helvéticos.

# O BELENENSES ganhou em Coimbra



Não há novidade! — parece dizer Capela. A bola vai fora...



Gastão e Vasco, na luta de perto

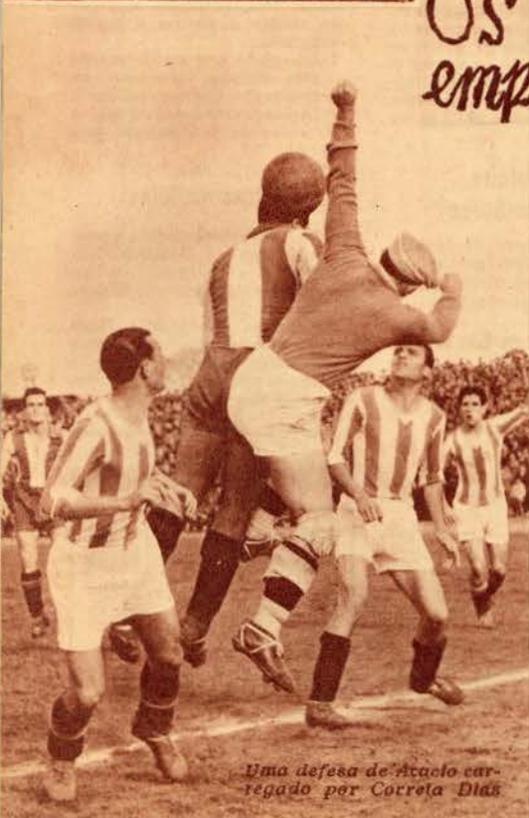


Jacques procura antecipar-se a José Pedro



Andrade é uma promessa. Cautela...

## Os setubalenses empataram 2-2 com o F.C.P.



Uma defesa de aço carregado por Correta Dias



Esta bola vai à rede! Correta Dias é implacável



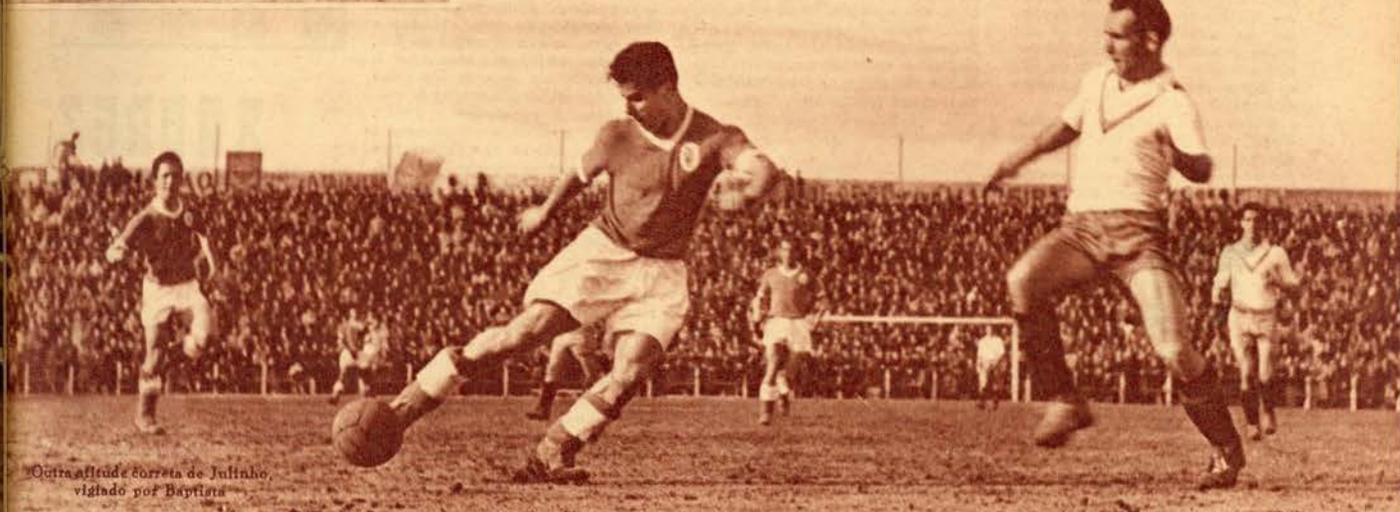
Leite fez o remate, mas o setubalense Pacífico embarçou-o na melhor altura

Olhos na bola. A posição de Júlio é correcta — e por certo houve perigo para o Atlético

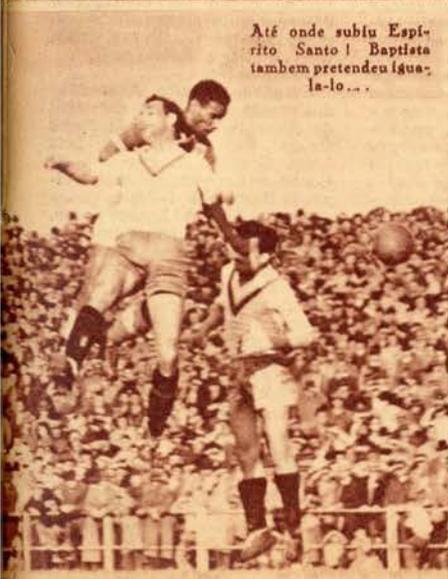


Uma boa defesa de Martins, aos pés de Armindo. A Teixeira segue o lance

## Brilhante exibição do BENFICA vencedor do ATLETICO por 5-0



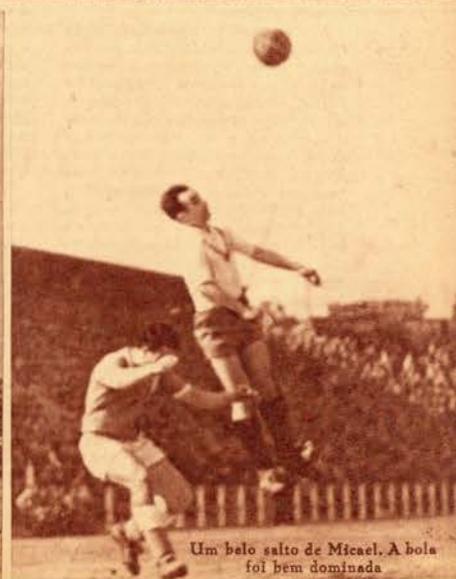
Quira atitude corajosa de Julinho, vigiado por Baptista



Até onde subiu Espírito Santo! Baptista também pretendia igualá-lo...



Curiosa atitude de Rogério. Vai começar o «sprint»...



Um belo salto de Micael. A bola foi bem dominada

# Comentários...

PROBLEMA XXXI

Lema: Porto

## Um congresso na hora própria

**M**ARCADA a primeira reunião dos delegados dos clubes já participantes certos no congresso das colectividades de ginástica, que o nosso colega «Mundo Desportivo» tomou a iniciativa de organizar, foi simultaneamente anunciada a data provável para a celebração das suas sessões, no decurso de Abril próximo.

Poucas vezes se poderá afirmar com tanta propriedade que um empreendimento chega na hora própria; a evolução sofrida pela prática da educação física em Portugal, a obrigatoriedade estabelecida por decreto governamental da ginástica pré-desportiva, a fundação do Instituto Nacional de Educação Física, criando sucessivas camadas de professores habilitados em uniformidade de critério pedagógico, a necessidade de organizar o meio de molde a corresponder às exigências que lhe são feitas e satisfazer às aspirações dos técnicos e orientadores, eis as bases essenciais em que fundamentamos o nosso juízo.

Quem quiser ser justo na apreciação dos factos, terá de reconhecer que, no estado actual de apetrechamento do país, se não pode prescindir, para a obra geral de educação física da juventude, da colaboração efectiva dos clubes de desporto, especializadas ou não na ginástica.

No passado, coube-lhes a melhor parte na glória da propagação dos bons princípios e na aplicação prática das doutrinas respectivas; começou num clube, o velho Ginásio Clube Português, o ensino metódico em classes de ginástica educativa, e com outros que se lhe juntaram pelos anos adiante, prosseguiu a prestígio agremiação no apostolado de interesse nacional, que só muito mais tarde foi compreendido e secundado pelos poderes públicos.

Foi necessária a instituição da Obra Nacional Mocidade Portuguesa para efectivamente se encontrar na história da educação física nacional uma intervenção do Estado organizada em moldes amplos e visando na realidade, pela sua amplitude e projecção, a abarcar todas as criações e todos os adolescentes, sem distinção de classes sociais. Mas, procurando os mesmos objectivos nos meios que até então todo o interesse oficial havia decaído, também coube a uma iniciativa particular a honra de apontar o caminho da verdade: os Cursos Populares Infantís de «Os Sports».

Analizadas, portanto, pelo trabalho realizado, as agremiações consagradas à educação física podem, na hora presente, arrogar-se como legítimos o direito ao estudo da situação em que lutam, para que lhes sejam garan-

tidos os meios para desempenharem no futuro missão condigna das suas tradições e serviços prestados.

O congresso, alheado inteligentemente pelos seus organizadores de quaisquer problemas técnicos ou doutrinários que poderiam transcender dos seus propósitos e gerar dificuldades por via indirecta, apreciará com desassombro os pontos de interesse comum, apontando-lhes a fórmula solucionalória no sentido dos interesses nacionais, elaborando em confronto as listas dos serviços preciosos que os organismos desportivos devem continuar prestando, e dos auxílios a que legitimamente aspiram para desempenho da sua entusiástica colaboração.

Outra decisão de não menor importância se espera ainda deste Congresso: a criação do organismo central que tome o comando de toda a actividade desportiva da ginástica — não confundir com actividade da ginástica desportiva, que não é precisamente a mesma coisa — e estabeleça com propriedade a ligação entre as actividades portuguesas e as das outras nações, por intermédio da filiação na Internacional, como elemento representativo de todos os centros clubistas de ensino metódico dos exercícios físicos educativos.

## Os benefícios de uma lição

**Q**UANDO, há pouco mais de um ano, a equipa madrilenha de andebol veio a Lisboa medir forças com a selecção regional «alfacinha», foi copiosamente batida e recebeu, com dignidade que todos admirámos, uma lição desportiva que serviu para esclarecer jogadores e dirigentes sobre a maneira como se deve jogar a bola com a mão. Nessa ocasião, os nossos adversários foram os primeiros a reconhecer a diferença de classe existente entre os dois agrupamentos contendores, alegando no entanto que em Castela a modalidade possuía desenvolvimento muito inferior ao de outras regiões espanholas, nomeadamente Catalunha e Guipuzcoa.

Mês e meio depois do encontro de Lisboa, quando os portugueses foram pagar a visita a Madrid, a diferença de classe mantinha-se evidentemente — todos sabemos que a pontuação final não significa a verdadeira distância de valor entre as equipas — mas os críticos que acompanharam a delegação notaram, por parte dos madrilenos, melhor compreensão do sentido de jogo. A primeira lição não fora perdida.

Tempos depois, a selecção guipuzcoana, uma das que os dirigentes espanhóis nos haviam

apontado em Lisboa como das mais fortes, defrontou na capital vizinha o mesmo agrupamento regional que havia sido derrotado pelos portugueses e foi vencida. A lição continuava a aproveitar.

Em Fevereiro passado, o grupo representativo castelhano partiu deabalada para S. Sebastião a pagar a visita; por que a maioria dos nomes é nossa conhecida, vejamos quais foram os jogadores que alinharam pelos visitantes: Ródenas, Torres e Pozuelo; Vasquez, San Roman e Santos; Pérez, Jiménez, Bravo, José Luis Adarraga e J. Balista Adarraga.

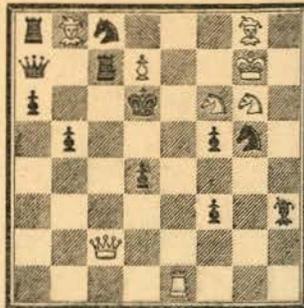
Apenas iniciado o jogo, os castelhanos alcançaram o primeiro ponto com um remate de Jiménez, muito bem apontado a um canto. A partida prosseguiu em domínio alternado, embora mostrando os de Madrid melhor classe, mas, aos vinte e oito minutos, a sua defesa é castigada com grande penalidade, da qual resulta o empate. Para a segunda parte, os guipuzcoanos modificam a composição da linha avançada, sem oblerem resultado prático, apesar de maior pressão sobre o campo adversário. A selecção de Castela segue dando a impressão de melhor construção nas jogadas e consegue, a dez minutos do fim, segundo ponto, que veio a ser o da vitória, da autoria do mais velho dos irmãos Adarraga.

Assim é permitido afirmar, colhendo apenas os argumentos que a sequência dos factos nos oferece, que os andebolistas castelhanos, que eram dos menos experimentados de Espanha quando visitaram Lisboa no dia 1 de Janeiro de 1945, progrediram desde essa época e suplantaram com firmeza os núcleos regionais, que, então, lhes levavam a palma.

Estas evocações têm por finalidade demonstrar os benefícios que traz, para a propagação e progresso do desporto, de qualquer desporto, a competição internacional, ainda que sejam contrários os seus resultados. Não pode haver dúvidas de que é perdendo que se aprende, com a vantagem reconhecida de nada existir de desprimoroso na derrota desportiva. Infelizmente, a doutrina nem sempre é interpretada por esta forma, e sucede por vezes que o trazo da derrota amarga demasiado e faz perder o apetite para novas experiências.

Sem nos preocuparmos com a investigação de causas, registemos apenas que desde os jogos Lisboa-Madrid, todas as tentativas de renovação de intercâmbio por parte dos portugueses encontraram coréis mas decidida negatividade por parte dos poderes desportivos espanhóis.

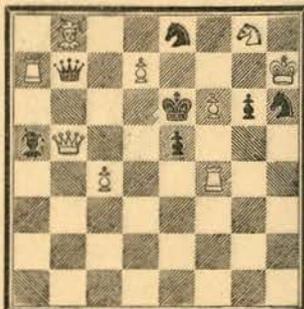
Lemos, porém, com ogradável surpresa, num diário desportivo da nação vizinha, que fora nomeado um seleccionador nacional de andebol e que esta modalidade ia entrar em grande actividade. Esperemos que o cargo não seja honorífico e seleccionador seja indicativo de selecção para aceitar enfim os instantes concites dos organismos portugueses.



2 X

PROBLEMA XXXII

«Atlântico»



2 X

# XADREZ

## Concurso Ibérico de Soluções

N.º 17 — «Colibri» — 1. Ces, ameaça 2.Cxc4. Combinação do tema proposto com «correcção negra» e «abertura e encerramento de linhas brancas e negras». Se 1...C Jogo; 2.BxT: 1...c5; 2.d8=T ou D. 1...Cc6; 2.dxC=C. 1...Cc6; 2.Cb7.

N.º 18 — «Carmito» — 1. cxd7, bloqueio incompleto. Variantes temáticas, combinadas com correcção negra por duas peças, determinando efeitos de bi-valves brancas: 1...Be7; 2. dxB=C. 1...Ce7; 2. dxB=ToU D.

Solucionistas:

Fernando Pratas Almeida, J. Vergain, dr. Carlos Eleatério de Almeida, Lisboa; J. G. Mariz Graça, Rui de Alarcão, Luís Lima Cracho, A. Ferreira da Cunha, de Coimbra, e Emilio Frelxa, de Barcelona, todos top listas (86 pontos); Raul Soares Nobre, Aveiro, e A. Pereira da Silva, de Venda do Pinheiro, 85 pontos. Dr. Manuel Antunes, 84, e eng. Rodrigues da Silva, 83, ambos do Clube dos Capadores Portugueses. José Calebra Riera, Barcelona, 83. Esteban Espresate, 79; Joaquín Gil, 78; Fernando Rebório, de Madrid, 76; Jorge Brea, 75; António Newton Parreira, Lisboa, 73; F. Abecassis Rezende, Fero, 36; A. A. Louro Cortez, Lisboa, 26; e Pietro Gariggio, Lisboa, 18 pontos.

Stadium



## HIPISMO

# A "Fossette"

Um animal de extraordinária classe que obteve brilhantes vitórias no País e no estrangeiro

NA Fonte Boa, onde se encontrava desde que fora adquirida pela Direcção Geral dos Serviços Pecuários, morreu há dias a magnífica égua «Fossette», que gozava no meio hípico de grande popularidade mercê das suas extraordinárias qualidades e da sua categoria nunca desmentida.

Tratava-se de um animal de grande classe, que obteve vitórias sobre vitórias, algumas de incontestável valor, contribuindo muitíssimo para alguns dos melhores êxitos conquistados nos últimos anos pelos cavaleiros portugueses.

Nascida em 1928—morreu portanto com 18 anos— a «Fossette» foi adquirida no sul da França pelo major Ivens Ferraz, que mais tarde a trocou pela famosa «Basquaise», ao tempo do capitão José Beltrão, que com ela obteve depois alguns dos melhores êxitos da sua carreira de desportista.

No entanto, alguns anos mais tarde, a já famosa anglo-árabe era de novo trocada pelo «Macontene», que pertencia ao coronel José Moazinho. Uma vez na posse deste oficial, começou a ser montada pelo capitão José Carvalhosa, que com ela brilhou a grande altura, não só no país como também no estrangeiro.

Ainda como montada de José Beltrão foi a Nice, a Roma, a Bruxelas, a Londres e a Berlim, integrada no grupo de cavalos das equipas representativas da cavalaria portuguesa nos concursos hípicos internacionais e nos últimos Jogos Olímpicos disputados na Alemanha, em 1936.

Ganhou, entre muitas outras, as Taças da Cavalaria Belga e Espanhola, em Nice, em 1935, e a «Inauguração», do Concurso de Madrid, no mesmo ano. Em 1936 vence em Bruxelas o «Prix de l'Arcade» e em 1938 as Taças da Cavalaria Portuguesa e Belga no Concurso de Nice, e a eliminatoria (classe 97) da Taça do Rei Jorge V, em Londres— sempre montada por José Beltrão.

Já então montada por José

Carvalhosa, voltou a Madrid em 1940 e em 1943, onde venceu a «Copa Deputación Provincial» e contraíra para a vitória na Taça de Ouro da Península.

A sua história desportiva terminou em 1944, quando José Moazinho a pretendia vender em Espanha, o que não foi permitido pela Direcção dos Serviços Pecuários, que a adquiriu para reprodução, recolhendo à Fonte Boa.

Dela e do famoso puro sangue inglês «Corónius» nasceu há meses um poldro, sua primeira e única cria.

A «Fossette» era um animal invulgar, que nos dava a sensação de que tinha nascido para saltar obstáculos, por maiores que eles fossem. Era dela sempre a iniciativa dos saltos, era ela que se fazia a eles de livre vontade, disposta a galgá-los sem lhes tocar, mesmo ao de leve que fosse. Embora obedecendo às indicações do cavaleiro, este poucas vezes tinha necessidade de intervir porque ela parecia compreender bem a sua missão.

Entre as suas mais recentes vitórias, citamos aquela que manteve o público, que se encontrava no vasto hipódromo do Campo Grande, em constante emoção, tal a dificuldade da prova e o entusiasmo com que obteve o 1.º prémio. Referimo-nos à Taça de Honra de 1943, no decorrer da qual saltou 1,10, batendo o cavalo espanhol, que se empanha como grande saltador e que a acompanhou até 1,10,90.

A lista dos seus prémios é notabilíssima e prova-nos bem o seu extraordinário valor de cavalo de Concurso. Basta que se diga que, entre mais de uma centena de prémios conquistados, se registam 37 vitórias, 31 segundas classificações, 18 terceiras e 49 taças. Ganhou na sua passagem pelas pistas portuguesas e estrangeiras a bonita verba de 68.456\$25.

Com a morte da «Fossette» desapareceu das pistas nacionais um animal de extraordinária categoria e de fama internacional.

Antas Teixeira

## As primeiras «poules» do ano

A abrir a época e organizadas pela Sociedade de Propaganda de Cascais, realizaram-se no passado domingo, no Hipódromo da Gandarilha, as duas «poules» para disputa das taças «Junta de Turismo» e «Sociedade de Propaganda da Costa do Sol».

As provas, apesar do mau estado da pista, devido à chuva, decorreram com certo interesse, se bem que dos oficiais indicados para equipar nacional—todos inscritos—só o capitão Carvalhosa compareceu, mas num cavalo que não faz parte do grupo de montadas que se deslocará ao estrangeiro.

Na primeira «poule» deve destacar-se o bom percurso de «Joalheiro», um Alter que Trigo de Sousa montou com o seu habitual à vontade, e que se classificou em 1.º lugar apenas com 1 derrabe.

O público seguiu com grande interesse a primeira prova em pistas do cavalo irlandês «Relu-

# A natação portuguesa

## precisa de provas

DEPOIS de alguns meses de descanso e de expectativas, voltamos ao assunto. Como sempre, pondo acima de tudo os interesses da modalidade e procurando ver as coisas com lógica. Uma vez construídas as ideias, expondo-as com desassombro.

Entretanto, após o fecho da temporada, algo se passou na natação portuguesa, ainda que no capítulo administrativo, chamemos-lhe assim. Referimo-nos ao facto de a modalidade ter novos dirigentes federativos. Os timoneiros que se mantiveram ao leme desde 1937, com aprumo e isenção dignos de nota, foram substituídos. Fica bem uma referência, ainda que sucinta, à sua acção. É inegável que muito fizeram e trabalharam pela natação. Não há possibilidade de neste momento descermos a por menores. Ficaríamos, no entanto, de mal com a nossa consciência, se não afirmássemos que a sua acção foi francamente útil e proveitosa, construtiva, e visando sempre o progresso da modalidade.

Aos novos empossados—entre os quais se encontram vários nomes consagrados—aguramos nomes-lhes os maiores sucessos no desempenho da sua espinhosa missão. E, como sempre, a promessa do nosso incondicional apoio, em tudo o que possa ser útil para o progresso e desenvolvimento da natação.

### São precisas provas

As semanas e os meses vão rodando sem que no capítulo de

competições se registe qualquer nota de actividade.

Não concordamos. A actividade dos nadadores, em provas de competição, não deve de modo algum circunscrever-se aos seis meses da temporada ao ar livre. Por isso entendemos que os clubes que possuem piscinas de Inverno—Algés e Estoril Praia—no seu próprio interesse, devam organizar pequenos festivais—primeiro inter-sócios, depois inter-clubes— a fim de movimentar os seus nadadores.

E os próprios organismos dirigentes— a Associação e a Federação— não devam restringir a sua actividade à época de verão. Deviam, antes, entrar em contacto com os citados clubes, no sentido de organizar provas. A piscina do Estoril presta-se admiravelmente à organização de reuniões nocturnas, que se podiam efectuar, talvez, de preferência em dias de semana.

O assunto parece-nos viável— e digno de estudo. E, quiçá, uma questão de boa vontade e que muito poderia contribuir para que alguns nadadores—referimo-nos aos das outras colectividades— não perdessem de todo o contacto com a água.

De qualquer forma, a ideia, desinteressada, aqui fica exposta com toda a clareza.

### Com vista à época de verão

Uma vez que, de novo, se encara a possibilidade de a natação lusitana se fazer representar nos campeonatos europeus, em princípio marcados para a segunda quinzena do mês de Agosto, aguramos-nos lógico que o problema de uma possível representação nacional seja encarado— contra os nossos hábitos, é certo— a tempo e horas.

Dentro desta ordem de ideias, a época de Verão deveria abrir o mais cedo possível, efectuando-se amadados festivais, por forma não só a espreitar o interesse dos nadadores, mas também a permitir um «contrôle» seguro acerca das suas reais possibilidades.

É inegável que à Federação cabe, neste aspecto, um papel de primordial importância.

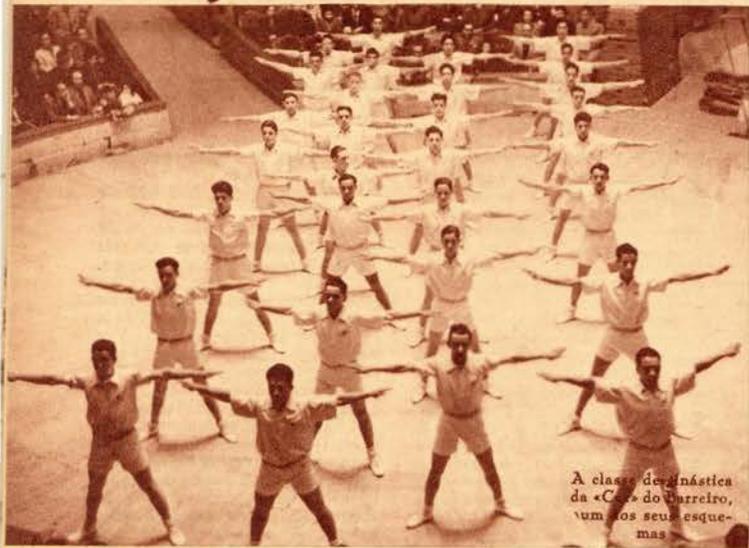
Concordamos, sem a menor discrepância, que a natação lusitana se faça representar nos campeonatos europeus. Possuímos elementos que, no apuro da «forma», não deixarão, lá fora, mal colocado o nome de Portugal.

Impõe-se, no entanto, um trabalho aturado, sério e inteligente. Critério firme e imparcial na escolha dos elementos. E, acima de tudo, começar a trabalhar a tempo e horas.

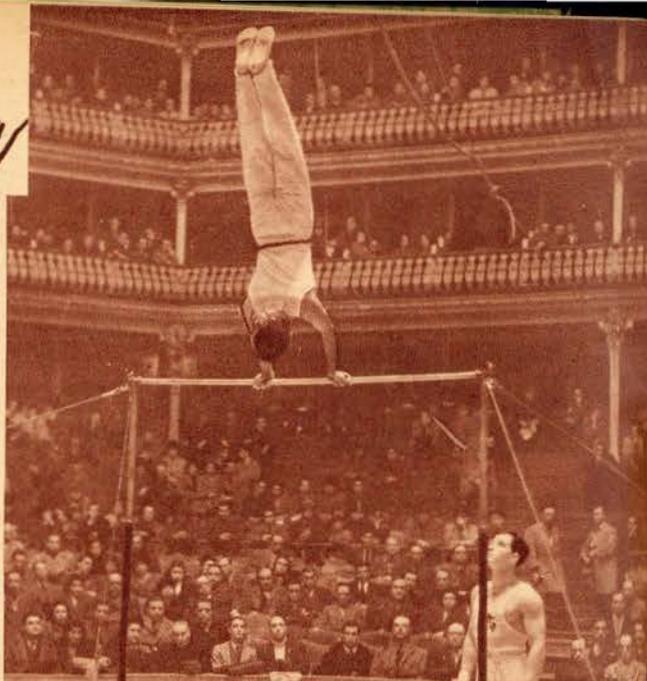
Abreu Torres

# A GINÁSTICA

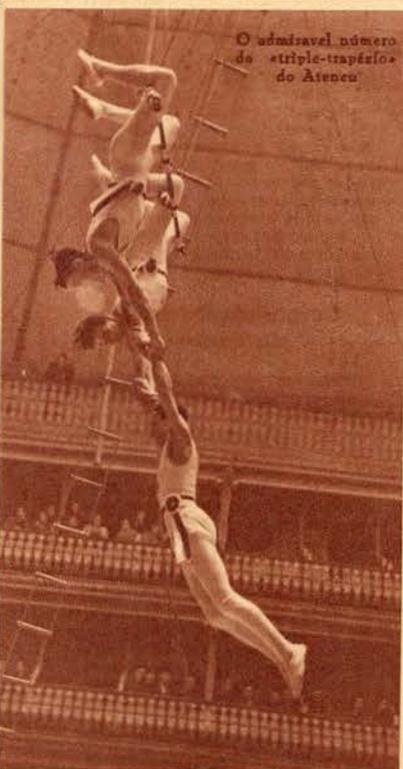
do serviço da *benemerencia*



A classe de ginástica da «Cuf» do Barreiro, num dos seus esquetes



Um aluno de Robalo Gouveia, exhibe-se em barra fixa



O admirável número do «triple-trapezo» do Ateneu



A jovem patinadora Maria Antónia Falcão Vasconcelos, denuncia já excelente futuro



Uma aluna do Ateneu, num salto de plinto



A saudação da classe de senhoras do Ateneu

A ginástica foi mais uma vez conagrada, na última semana. O Coliseu dos Recreios encheu-se para assistir ao sarau promovido pela Comissão de Socorro Social, colaborado pelos clubes especializados: — Ginásio Clube Português, Lisboa Ginásio Clube, Ateneu Comercial de Lisboa — e ginastas da «Cuf» do Barreiro. Para estes, a referência especial.

Dirigidos pelo professor Léllo Ribeiro, um novo que já orientou as classes atléticas do Sporting Clube de Portugal, demonstrou suficientemente os seus recursos na preparação física dos seus alunos. Embora em pouco tempo, Léllo Ribeiro apresentou um conjunto que dignificou a ginástica praticada por um departamento ligado ao Pelouro de Educação Física da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho.

Não há dúvida: — Léllo Ribeiro e os seus alunos cativaram a numerosa assistência, que não regateou aplausos ao trabalho dos cufistas barreirenses.

Depois — pesou também o arrojado trabalho dos atletas Nicolau Pereira e Manuel Neto, do Ateneu Comercial, na sua já famosa «Escada Aérea». Todo o Coliseu esteve suspenso do seu trabalho, onde a presença de espírito e o adestramento físico se revelam momento a momento.

A «Escada Aérea» tem o seu lugar feito. E', possivelmente, mais número de circo. Mas nem por isso deixa de cair bem num espectáculo de ginástica.

O Ginásio Clube Português e o Lisboa Ginásio, de valor confirmado e seguro, indiscutíveis baluartes da Educação Física Nacional, apresentaram alguns números do seu programa habitual.

E agradaram, como não podia deixar de acontecer. Robalo Gouveia orientou os atletas das paracelas e da barra fixa; Fernando Ferreira dirigiu a mesa além do Ginásio Clube. Os nossos amadores de espectáculos de ginástica gostam destas modalidades. Por isso as aplaudiram sem distinção, esquecendo, mesmo, que Lisboa Ginásio e G. C. P. são dois rivais de velha data...

O espectáculo, no seu conjunto, foi digno de ver-se. Houve ritmo, alegria. As senhoras do Ateneu e a jovem patinadora Maria Antónia Falcão de Vasconcelos, uma aluna de Xavier Araujo, o jovem-veterano ginasta, receberam também as merecidas palmas de um público conhecedor.

Rodrigues Teles

# A FAMÍLIA MOREIRA

## ALFOBRE DE PUGILISTAS

Os portugueses, como aliás as raças latinas, têm uma facilidade de assimilação notável. É frequente verificar a maneira rápida como fora da Pátria, sob climas ágrios ou em meios sociais profundamente dispares, os imigrantes lusíadas se adaptam e agrupam em colónias laboriosas, florescentes e honestas.

Talvez a mais nenhuma raça se aplique melhor o rifão «ninguém é profeta em sua própria casa» do que à gente portuguesa. Só longe da terra-mãe, fazendo da saudade inspiração e fonte de energia, os nossos compatriotas conseguem sacudir o jugo pessimista que permanentemente tolhe as melhores iniciativas e singrar, magistralmente, pela senda do êxito.

Vem tudo isto a propósito de quatro portugueses jovens, actualmente em França, que se têm distinguido como pugilistas amadores. Chamam-se Luciano, Manuel, Domingos e José Moreira, tudo rapazes modestos, activos e empreendedores. Luciano foi semi-finalista em 1941 e 1943 do campeonato francês dos meio-médios. Em 98 combates obteve 68 vitórias por pontos, 11 por «Knockout», 10 empates e 9 derrotas. Lutou contra Mastvantuano, hoje profissional de nomeada.

Manuel Moreira é um peso-leve campeão do sudoeste francês. Totalizou já 80 combates, (48 vitórias e 4 derrotas).

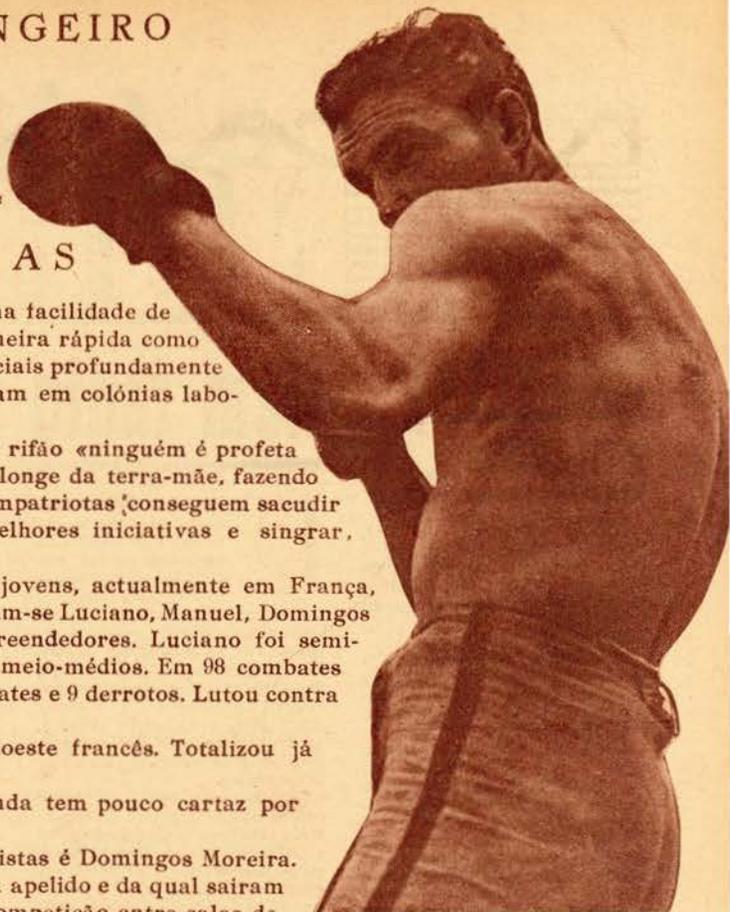
José trabalha há tres anos com seu irmão, mas ainda tem pouco cartaz por ser demasiado jovem.

O principal elemento desta curiosa familia de pugilistas é Domingos Moreira. Fundou em Saint Fons uma sala de boxe que tem o seu apelido e da qual saíram já bastantes pugilistas de valor. Ultimamente, numa competição entre salas de boxe da cidade de Lyon, teve o justificado orgulho de ver atribuir a Taça Robert Tassin à colectividade que fundou e dirige.

Domingos Moreira é professor diplomado oficialmente, tendo estagiado sob a direcção do monitor nacional Viannay, conselheiro técnico da Federação Francesa, e do ex-campeão de França Lambalez.

Luciano Morira, estagiou igualmente em Antibes onde se distinguiu também como ciclista. Venceu nesta modalidade cinco provas de estrada, uma das quaes o Grand Prix «Avis Berger».

Estes franco-portugues conseguiram, como se vê, a boa fortuna de marcar uma posição interessante num país onde o desporto do boxe atingiu grande desenvolvimento. A pesar disso sabemos que os melhores desejos são virem até Portugal, medir forças com os pugilistas locais, e (porque não?) matar as saudades que nutrem pela terra-mãe.



LUCIANO MOREIRA

(fotografia publicada pelo Commissariat Général aux Sports, em 1941)



A classe de boxe da Sala Moreira, no Sporting Clube de St. Fons. A esquerda, de pé, Domingos e Adelino Moreira. O 2.º sentado à esquerda é Manuel

Rafael Barradas

### A ILUMINANTE

MATERIAL ELÉCTRICO  
PARA TODAS AS  
APLICAÇÕES

A CASA QUE OFERE-  
CE MELHORES PRE-  
ÇOS E SERVE COM A  
MELHOR RAPIDEZ

Avenida Almirante Reis, 6  
Largo do Intendente, 11 a 17

TELEFONES: } 46186  
46187  
51146

LISBOA

### A LYON

#### LA BOXE

#### LA SALLE MOREIRA ENLEVE LA COUPE ROBERT TASSIN

L'activité de l'Association Lyon-Boxe ne se ralentit pas et la réunion organisée par elle, hier soir, au Grand Palais, a obtenu un légitime succès.

La Coupe Robert Tassin, mise en compétition entre les Salles de boxe de Lyon, a été gagnée par la Salle Moreira.

#### Le champion de France Branca contre Moreira

C'est jeudi soir 21 mai au Grand Palais que les boxeurs avignonnais qui ont enthousiasmé le public l'hiver dernier en produisant devant les meilleurs amateurs lyonnais.

En combat vedette, le champion de France Interzone Branca rencontrera Lucien Moreira. L'équipe d'Avignon déplacera Mastrangelo, Meynard, Tholozan, Abbe, Boni, Ollindo, Roussier.

#### LA BOXE A SAINT-FONS

Rectification. — Moreira Manuel déclare avoir rencontré Devise à trois reprises différentes, à Lyon, Montélimar et Marseille, et Moreira fut toujours déclaré vainqueur. Dont acte.

#### AU FIL DE L'ACTUALITÉ

Dix combats, vingt boxeurs défilèrent ainsi représentant les styles les plus divers. Combats fort bien équilibrés dans l'ensemble.

Calme, un peu lent même, Drest réalisa en face du tonqueux Lucien Moreira un bon combat, et le match nul eût paru plus équitable aux spectateurs comme à nous-mêmes.

# na capital do NORTE

## MOSAICOS nortenhos...

IMPÉRIO SANTOS não poderá, finalmente, regressar ao F. C. do Porto, seu clube de origem. Os altos poderes do ciclismo não o consentem e voltará a paz aos esportistas...

Se assim for, tanto melhor.

◆ ESPERA-SE em Lisboa, na Direcção Geral dos Desportos, que o Porto responda a uma nota respeitante ao pedido de transferência do atleta Elói Pereira.

A resolução definitiva do assunto encontra-se suspensa por tal motivo, e sabemos que com sério aborrecimento das entidades encarregadas do julgamento final.

◆ CATOLINO não jogará por enquanto. Possivelmente — só nos últimos desafios do campeonato. Entretanto, Guilherme e Artur de Sousa regressam... Gomes de Costa, com a aproximação dos períodos de férias, não comparece com a equipa do seu clube, como é costume, e Artur de Sousa poderá dar ainda um jeitinho...

◆ O SNR. GOVERNADOR CIVIL recebeu a Comissão pró-campo do F. C. do Porto, composta pelos snrs. Sebastião Ferreira Mendes, Domingos Ferreira, Carlos Lelo e dr. Cesário Bonito, e os conhecidos desportistas portuenses ficaram convencidos do alto interesse do snr. coronel Joviano Lopes.

Os merecimentos do clube azul-branco têm feito tudo para conquistar o seu Estádio. Oxalá sejam bem sucedidos.

◆ CASTRO, um bom jogador e um bom dirigente da equipa de volei do F. C. do Porto, foi submetido a uma ligeira operação num ouvido — mas não poderá jogar durante algumas semanas.

◆ OS JÚNIORES de «corta-mato» do F. C. do Porto e do Vilanovense concorrem ao campeonato nacional, que está marcado para o dia 17, na capital. O F. C. do Porto, sempre que pode representá-lo em qualquer modalidade, não perde o ensejo de o fazer. E com o Vilanovense, clube de briosíssimas tradições, acontece a mesma coisa. Logo, louvemo-lo pela sua decidida boa vontade.

Os nacionais de seniores estão marcados para o Porto, no dia 24. Os portuenses poderão apreciar, nesse dia, a classe de João Silva e de Afonso Marques.

## Biblioteca da "Stadium"

Continuamos hoje a publicação de «Biografias Desportivas» em separatas.

## Nem tanto ao mar...

**D**E vez em quando, e sem razão para tal, levantam-se dispensáveis questões, atritos que o futebol português não deveria comportar. Pelo menos — que lhe não trazem prestígio de qualquer espécie. Por nada se chega ao conflito, que não se mata à nascença, antes se avoluma propositadamente, dando curso a doentias suposições, a conceitos errados, quase sempre com desvantagem para as boas relações entre clubes e atletas.

Sucedem assim com uma vulgar questão entre um jogador algarvio e qualquer rapazola a quem o primeiro não é simpático. A coisa não teria importância em qualquer parte do mundo, por se tratar de incidente vulgaríssimo, mas sabe-se que tal não acontece. Infelizmente. Em nossa opinião gasta-se prosa inútilmente, e nem sempre a serenidade pesa no espírito dos que se batem «por sua dama».

O jogador tem deveres a cumprir, como é dos códigos, e não pode furtar-se a comentários de

crítica séria, responsável. O facto de jogar bem não pode influir. Mas é igualmente certo que não há o direito de batalhar constantemente num caso por demais conhecido e até lamentado, como se o futebol não estivesse farto de queilias de toda a natureza.

Não podemos estar de acordo com uns e outros quando se não respeitam e quando esquecem as suas obrigações perante o público e os próprios dirigentes. Porto e Algarve contribuem, na medida do possível, por certo devotadamente, para a propagação do desporto, e não toleram que alguém pretenda dividi-los — «Um mau e um péssimo» não podem, não devem, pelo menos, representar regiões na esgrima do desentendimento. Assim, cumpram com os seus deveres as pessoas sensatas. Como? Reprovando no lugar próprio o esboço de campanhas tendentes a desvirtuar o significado da boa crítica e a virtude intangível da boa disciplina.

O caso não merece tanto barulho...

Monte Negro Azul

## A carreira dos clubes portuenses

**V**ERDADEIRAMENTE, os dois representantes do futebol portuense na prova máxima ainda não conseguiram acertar o passo, a despeito de uma ligeira subida por parte do F. C. do Porto. A equipa do Bessa deslocou-se para Lisboa sem Vinagre, Serafim, Gonçalves e Armando, quatro bons valores do conjunto — e isso deve ter influido muitíssimo no seu comportamento. O resultado de 7-1 assim o indica.

Por seu turno, ao F. C. do Porto faltaram ainda Vítor Guilherme, Gomes da Costa, Lourenço e Catolino. Assim, os setubalenses puderam valorizar esta saída ao Lima com um empate precioso.

De todas as maneiras, não há motivo para aplaudir a actuação das equipas de primeiro plano da cidade. As constantes faltas ser-

vem de indiscutível desculpa, mas esperava-se muito mais do seu labor e da sua categoria. Não escrevemos para censurar. Parecemos entretanto aconselhável rever um pouco os quadros e evitar definitivamente as alterações notadas domingo a domingo.

Sofrem os admiradores do Porto e do Boavista com a baixa revelada pelos seus grupos. Os resultados nem sempre correspondem à exibição de cada um, é certo, mas a «desordem» é tão evidente e séria que urge encontrar remédio quanto antes. E' tarde, com certeza para a recomposição — mas nunca o será se o futuro for pelo menos acatelado.

Serenamente, encontrar-se-á uma solução que satisfaça as justas aspirações da gente do Porto, em tempos idos senhores de um grupo a quem se não batia facilmente o pé...

## Campeonato de Juniores da A. F. L.

**A** primeira fase do 10.º Campeonato de Juniores da A. F. L. está prestes a findar. Mais duas jornadas e ficarão na prova, apenas, oito equipas das 20 que se inscreveram.

No último domingo disputaram-se os encontros da 8.ª jornada, que foi prejudicada pela chuva, sem que, todavia, o programa deixasse de ser cumprido integralmente.

Na primeira série, o empate (1-1), que o Sintrense impôs ao Cascaheira, pode parecer surpreendente. Mas, vistas bem as coisas, os avançados do «team» de Campolide têm-se mostrado tão pouco realizadores, nas suas últimas «saídas», que o desfecho da luta não nos causa admiração.

O domínio exercido pelos «leões» no seu jogo contra o Futebol Benfica justificava resultado mais expressivo do que os 3-1. Não quis a actuação acertada das linhas defensivas dos benfiquistas que a superioridade do Sporting ficasse melhor concretizada.

Na 2.ª série, o encontro Desportivo Operário-Tarujense forneceu aos dois contendores um motivo de satisfação: o Desportivo obteve a sua primeira vitória (2-1) e o Tarujense o primeiro «goal» para o seu activo. A actuação dum a doura equipas contra os restantes componentes da série dava um «balanço» favorável ao Desportivo. Portanto, a sua vitória pode considerar-se normal. De resto, a equipa dominou mais do que o suficiente para merecer a vitória.

O Benfica A, depois de ter chegado com relativa facilidade a 3-0, passou, certamente, maus bocados, consentidos que foram os dois «goals» do Palmense. E' certo que os «encarnados» não deixaram, entre os assistentes, dúvidas quanto à sua superioridade. No que os rapazes de Palma levaram a palma ao Benfica foi no entusiasmo com que lutaram... que é sempre um trunfo valioso.

Na 3.ª série, o Belenenses-A, de visita ao Sacavenense, entabeteceu o resultado-«record» da prova deste ano: 13-0. Os números surpreendeu porque os «azuis» ainda não se haviam mostrado capazes de proezas destas e a defesa do Sacavenense revelara-se, de certo modo, segura. Consideramos o resultado anormal.

A segunda equipa do Benfica foi deabalada a Chelas, regressando com uma vitória que não deixa dúvidas quanto à sua superioridade: 4-0.

Na 4.ª série, o Estoril creditou-se de boa exibição e alcançou bom resultado sobre o Belenenses-B: 6-0. Mais uma confirmação do valor dos estorilistas.

O empate (3-3) entre o Atlético e o Cascais, sabido que os cascaenses se inferiorizam quando fora do seu público, aceita-se como resultado natural e capaz de dar ao declinar da primeira fase da prova grande interesse.

D. D.

Stadium

# Andebol

Com a primeira derrota da «Cuf» o campeonato cresceu de interesse

**O**S fortes aguaceiros que caíram durante a manhã de domingo e alagaram os campos, impediram que tivesse a esperada animação uma jornada cujo programa incluía dois jogos de grande cartel: «Cuf»-Sporting e Benfica-Bele-nenses.

O segundo foi adiado pela necessidade de conservar o terreno nas melhores condições para o encontro de futebol que lá se celebraria à tarde; o primeiro foi disputado com ardor e entusiasmo, mas sem beleza nem qualidade técnica que o impusesse.

A luta principal da jornada transacta, embate decisivo para a posição do grupo da «Cuf», pois vencedor dos «leões» ficaria virtualmente vencedor também do campeonato, terminou com o êxito dos sportingistas pela diferença mínima, justificável pela ligeira superioridade do grupo durante o primeiro tempo e pela constante autoridade e segurança do trio defensivo. Mira e, sobre todos, Jaime Silva comportaram-se como senhores permanentes da situação, preciosamente auxiliados na sua tarefa defensiva por Vital, que anulou em absoluto o perigoso extremo adversário Nascimento, dentro das boas normas, sem dureza nem atropelo da lei. Atrás destes homens, Jorge Almasqué, surpreendente de agilidade, defendeu a sua baliza com mestria e ganhou o desafio aos companheiros com duas paradas magistrais nos últimos minutos do encontro, quando a fadiga começava a abrir brecha na solidez do bloco leonino.

A linha atacante deu bom rendimento enquanto Tomás — autor de um ponto de grande categoria — ocupou o lugar central; é ele o único que consegue fazer jogar Vicente — cuja falta de domínio da bola é flagrante e deplorável — e dar personalidade à formação, que fraqueja mais do que é compreensível pelos dois extremos. Parece-nos que o Sporting tem a sua equipa mal arrumada, pois apresenta como médio um jogador que é o melhor dos interiores de que dispõe.

A equipa da «Cuf» perdeu sem desdouro, podendo alegar a atenuante da inutilização fortuita de Pimenta e a desculpa do mau estado do terreno, que a afectou mais do que à contrária, por ser de ambas a mais rápida. Precisa de acautelar-se agora, pois a sua posição está ameaçada pelo primeiro deslize.

A toada do encontro foi agradável; à parte um gesto inútil e desleigante de Pereira, nada vimos de censurável: nem violências, nem desmandos, nem mesmo dureza de acção. Pareceu-nos por isso estranho o tom de crítica severa exposto num diário vespertino por um colega que parece muito mais exigente quando observa os jogos da tribuna do que quando os comanda de apito na mão.

José de Eça

## CICLISMO

# COMEÇARAM AS PROVAS DE ESTRADA

Comentários sobre as corridas e a «forma» dos corredores

**S**E os clubes que inscreveram corredores nas provas dos «50 quilómetros de abertura», disputadas no domingo, tivessem sido notificados por escrito, tal como a boa lógica indica, sobre a hora exacta da partida e da apresentação dos concorrentes ao júri, informando-os também de qual era o percurso e outros pormenores das competições que os regulamentos textualmente obrigam a ser rigorosamente cumpridos; ou se, pelo menos, todas essas indicações constassem nos boletins de inscrição, facto que obrigaria automaticamente os delegados dos clubes a tomarem deles conhecimento; e se os mesmos delegados procurassem saber, quando não estivessem bem elucidados, quais os principais tópicos das organizações, evitando esperar pelos resultados das provas para então fazerem reclamações sobre as resoluções do júri, consoante essas reclamações lhes possam ou não trazer vantagens; e ainda se os corredores se habituassem, como é seu dever, a dirigir-se para os locais das partidas com tempo suficiente para poder cumprir-se o horário das mesmas, tal como está deliberado, e muito bem, pela Direcção Geral, e ainda em atenção a que o ciclismo é desporto que exige demora de preparativos antes do começo das competições, porque há que tratar do atleta e da montada; enfim, se todas estas coisas de capital importância para o desenvolvimento regular de uma modalidade que já não pode ser tratada de improvisos fossem cuidadas com a necessária meticulosidade, estamos absolutamente convencidos de que teríamos assistido a uma excelente corrida — a de independentes — regularmente disputada, com desfecho normal e sem as anomalias que nela se registaram. Mas como nada do que acima dissemos se tratou convenientemente, a corrida de independentes foi um fracasso.

Houve de tudo na corrida de domingo. Três dos corredores com probabilidades de animar a prova — José Martins, Lopes e Rocha, alegando desconhecêrem a hora da partida — marcada nos jornais às 10 horas, mas dada mesmo assim quinze minutos depois, abalaram do Estádio afastados do pelotão, sem cobrirem totalmente o percurso à partida e sem se haverem apresentado ao respectivo júri.

O concorrente que afinal virá a ganhar a competição — Túlio Pereira — também alinhou já depois de feita a chamada, integrando-se na cauda do pelotão sem mais formalidades.

Jorge Pereira foi forçado a abandonar por choque com um «iniciado» que havia desistido, mas que, contrariamente ao que está fixado, se manteve no percurso das provas e até integrado no pelotão dos independentes.

E para completar semelhante

série de faltas, a «mala pata» obrigou Mourão e Lourenço a abandonarem por avarias, ocasionando ainda que Rebelo fizesse metade da prova em atitude de louvar, apenas com meia haste do seu guidão.

Ganhou o simpático Túlio Pereira, que poderia ter vencido Aristides Martins ou Aristides Paulo, se José Martins, que chegou à frente mas não foi classificado, se tivesse absterido, como fizeram Lopes e Rocha, de dar as três voltas finais. Mas se todos os corredores têm partido em conjunto e regularmente, não eram certamente os três elementos citados com possibilidades de triunfo, que teriam ganho...

Pouco campo para análise, acerca da «forma» dos concorrentes, nos deixou esta primeira saída. Gostámos no entanto da perseguição feita por Eduardo Lopes e Manuel Rocha; também teve beleza um ataque de Mourão e a «caça» movida por Túlio e Aristides Paulo depois da Malveira, e achamos que Aristides Martins encontrou já o seu pedalar fácil e harmonioso.

Manique fraco e Baltasar Rocha a acusar a «dureza» do percurso, embora, no final, fosse infeliz.

Todas as restantes provas, disputadas debaixo de chuva de trovoadas, se ressentiram de tal facto, pois os concorrentes, na maioria gente nova e sem o «fundo» suficiente, acusaram nitidamente as inclemências do tempo, sendo grande o número de desistências. Há todavia que dar relevo à proeza dos «encarnados» Alberto Alves e Francisco Dias, respectivamente vencedor e segundo classificado em iniciados, únicos concorrentes que se creditaram com «tempo» inferior ao de 1945. Então o primeiro iniciou fez 1 h. 59 m. 32 s.; desta feita Alves gastou 1 h. 57 m. e Dias 1 h. 58 m..

Serafim Paulo — um homem que bem poderá passar de categoria — sem adversário de temer após a desistência forçada de Espadinha, saiu-se bem da primeira luta que travou após período longo de inactividade, vencendo a prova de seniores, e Manuel Gonçalves — atleta de fibra que pode progredir — foi o primeiro dos juniores depois de haver sido o grande animador da pugna.

Superioridade folgada de Rosa Martins em veteranos, a quem Hélder Cunha só deu réplica na primeira volta do percurso.

Resumo do primeiro dia de provas da presente temporada: interesse grande do público, carinho dos clubes pelos corredores de categorias superiores, falhas de organização que convém evitar no futuro, e uma expectativa fora de vulgar pelas futuras competições, onde já devem alinhar novos elementos, inclusive os marroquinos Driss e Djallili, chegados a Lisboa no sábado.

Gil Moreira

# A entrevista com Azevedo

(Continuação da página 4)

O elemento, precioso para a minha vida de jogador — o maçagista Manuel Marques. Além de ser uma competência na sua profissão, tem lido especiais cuidados comigo. Conhece-me dos pés à cabeça. Sebe do meu corpo melhor do que eu, como funciona e reage. Assistido pelo maçagista Manuel Marques, tenho uma [é] enorme na minha actividade...

— Que lhe parece o comportamento do Sporting?

— Boa equipa, e poderemos ainda ganhar o campeonato. Questão de força de vontade.

— Com uma carreira [é] longa e recheada de jogos perigosos, qual terá sido o defeito mais difícil de Azevedo?

— Talvez pareça estranho, mas a melhor defesa, quanto a mim, que fiz no decorrer destes 14 anos, foi um mergulho, [formidável, aos pés de um avançado portuense. Já não me recordo do nome do avançado, pois isto aconteceu há uns anos.

«De resto, não tenho recordações especiais. Tardes boas e más, vitórias, derrotas, o jogo com a Alemanha, no empate das 2 bolas, e agora o jogo com os ingleses.

Aproveitámos para [falar do estrangeiro.

Azevedo já alinhou em 14 jogos internacionais e visitou o Espanha, Alemanha, Itália, Suíça e França.

— Em todos estes desafios encontrou certamente grandes jogadores? Azevedo pensa um pouco, revê a série de encontros, e diz-nos:

— É' inegável que, de todos, os que me têm impressionado [orem os dois extremos ingleses da R. A. F.

— Que resultado prevê no próximo Portugal-Espanha?

— É' possível ganharmos. Se o grupo entrar em campo com a vontade com que pisou a relva do Estádio Nacional no jogo com o R. A. F., não será extremamente difícil vencer os espanhóis. Temos categoria.

Abordámos ainda um assunto que constitui uma passagem importante na vida de Azevedo. A sua projectada viagem ao Brasil.

O «keeper» nacional não se surpreendeu com a nossa curiosidade.

— Todos os assuntos que a ele se referem estão adormecidos. Talvez um dia...

— Durante a sua carreira de jogador tem recebido convites para alinhar por outros clubes?

— Nunca recebi desses propostas. Já agora — «leão» até ao fim.

Terminámos a conversa. Chegara a vez de oferecermos aos nossos leitores a página dedicada a João Azevedo — que ele mereça logo que publicámos a primeira. Quando abandonámos o Barreiro trazíamos connosco, além destas palavras, a certeza de que ainda teremos Azevedo para muito tempo!

Fernando Sá

Comprem a «Stadium»

# CICLISMO

## As primeiras provas da época



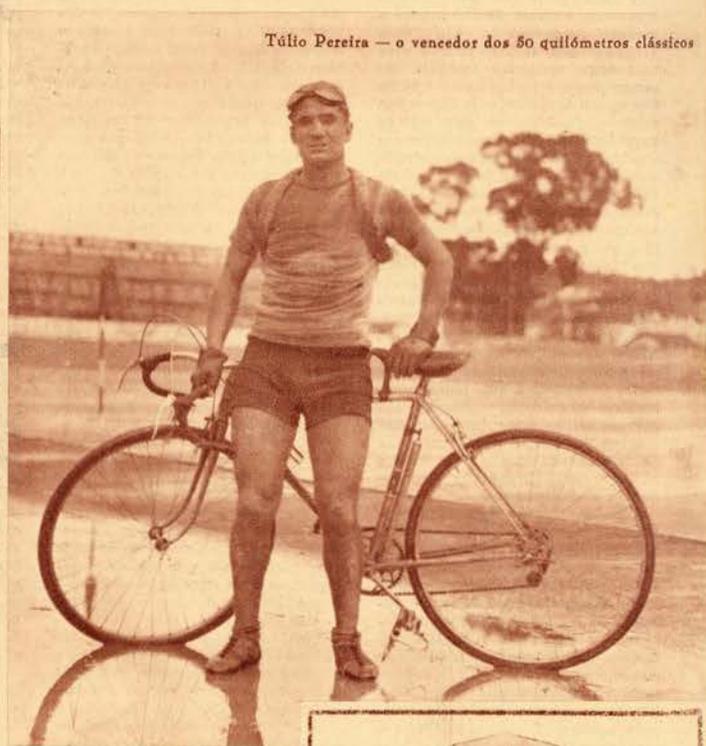
Por enquanto — passeia-se... Ainda não começaram as hostilidades!



À estrada está escorregadia. Por isso, toda a cautela é pouca...

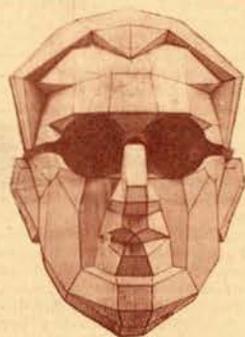


Uma fase da corrida entre amadores



Túlio Pereira — o vencedor dos 50 quilómetros clássicos

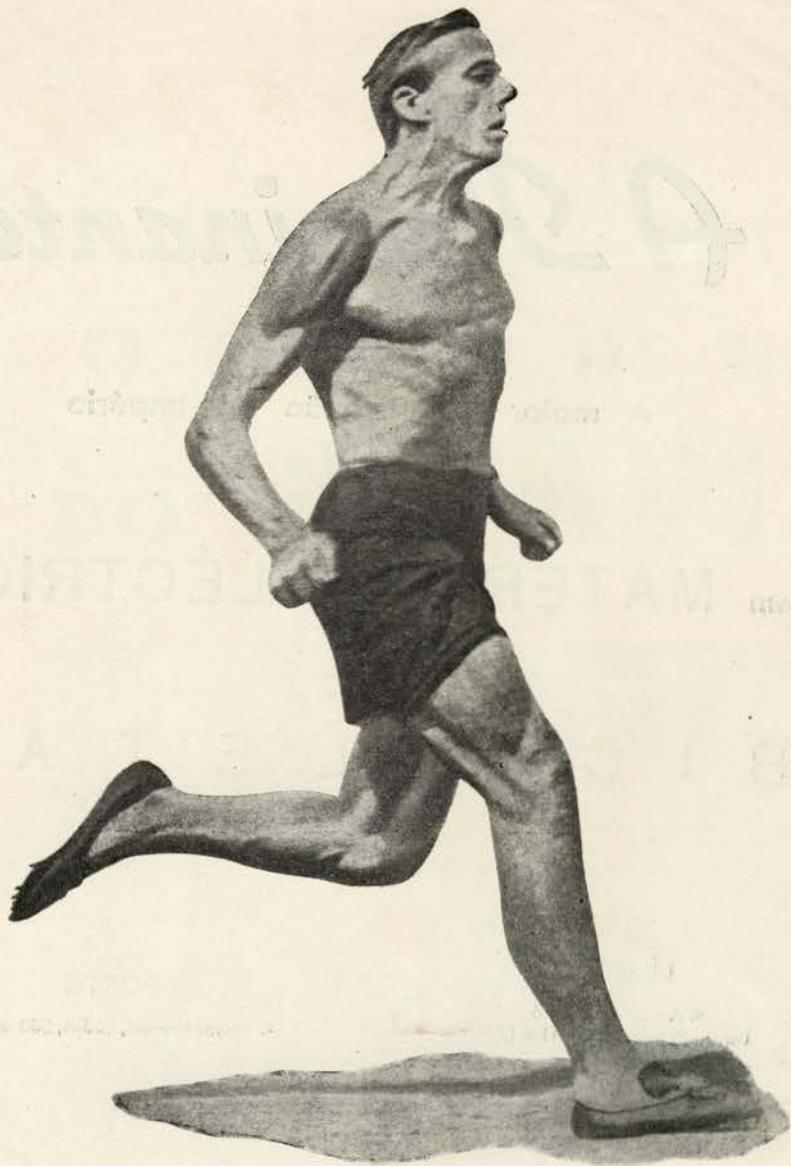
1 — Chegaram a Lisboa Driss e Djallili que foram esperados no Aeroporto por vários técnicos da velocipédia e, entre eles, o sr. Amadeu Seabra, activo impulsionador da modalidade. 2 — Driss e Djallili, — futuros representantes do G. D. Iluminante



**GIL**  
**OCULISTA**

FUNDADA EM 1865  
Depositária das lentes "ZEISS"  
Binóculos, Termómetros  
Bússolas de marcha, etc.  
Aparelhos de Precisão

136, RUA DA PRATA, 140  
Telefone 22829 LISBOA



**Stadium**

# *A Iluminante*

A maior organização do Império

em MATERIAL ELÉCTRICO  
e  
B I C I C L E T A S

LISBOA

Av. Almirante Reis, 6  
Largo do Intendente, 11 e 17

PORTO

R. Passos Manuel, 203-A, 203-B e 209

Preço  
2,00